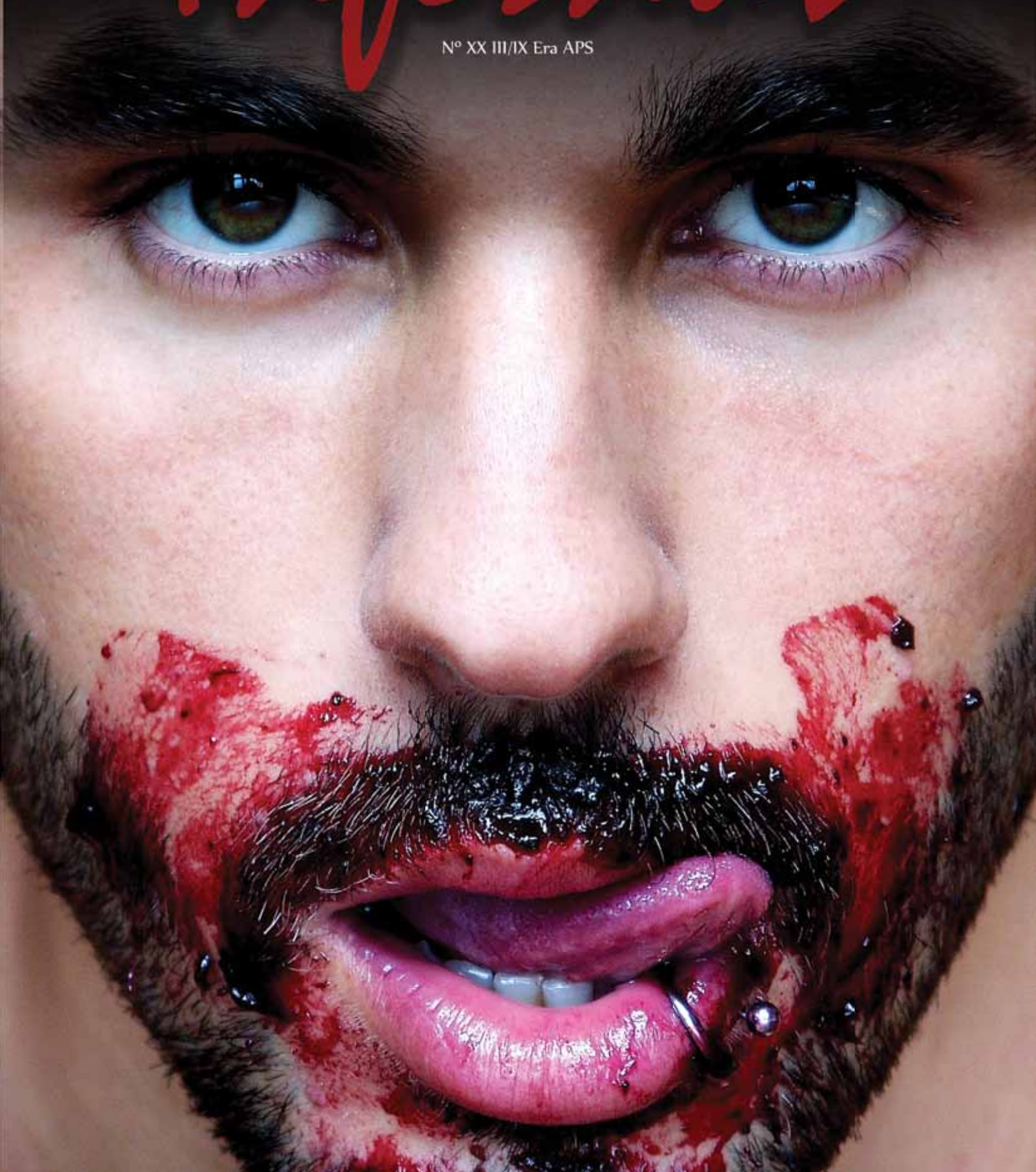


Orgão Oficial de Expressão
da Associação Portuguesa de Satanismo

Infernus

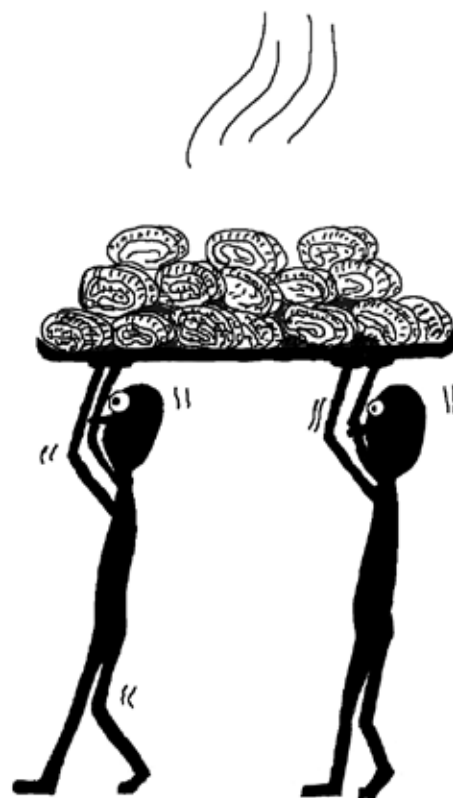
Nº XX III/IX Era APS





Cartoon-h-ell

King Chaos



Ficha Técnica

Infernus nº XX

Editor: Lurker

Produção: Fósforo, Colectivo Criativo

Equipa Editorial: Black Lotus, BM Resende, King Chaos, Metzli, Mosath, Outubro

Colaboradores: Aires Ferreira, Charles Sangnoir, Devis, José Macedo Silva, Josephine Seven, Naive, Paulo César

Revisão: Metzli

- Imagem da Capa: Paulo César - www.paulocesar.eu

- Pág. 3, 19, 21 - Alda Silva - www.aldasilva.net

- Pág. 4 - Martyna Adela Dziekan - indiae.deviantart.com

- Pág. 5, 6, 7 - Aires Ferreira - www.myspace.com/airesferreira

- Pág. 8, 9, 10 - Marta Ferreira

- Pág. 11 - Bradley John - cockybrit.deviantart.com

- Pág. 13 - Sir Didymus - Sir-Didymus.deviantart.com

- Pág. 14 - Trevor Wideman - nikonjustice.deviantart.com

- Pág. 15 - Paulo César - www.paulocesar.eu

- Pág. 16 - Zsuzsanna Mészáros - suzythebutcher.deviantart.com

- Pág. 17 - Ud33n - ud33n.deviantart.com

- Pág. 18 - Clefairy - clefairykid.deviantart.com

- Pág. 20 - Josephine Seven

- Pág. 22 - Schedel Hartmann

- Pág. 23 - Charles Sangnoir - www.myspace.com/lachansonnoire

- Pág. 24 - Donna - ladytwiglet.deviantart.com

- Pág. 26 - Lauren E. Simonutti - lauren-rabbit.deviantart.com

- Pág. 28 - Tim Hamilton - dr-zaro.deviantart.com

- Pág. 31 - Kirtan Patel - kirtan-3d.deviantart.com

- Pág. 32 - Christopher Padilla - chrizzz6.deviantart.com

- Pág. 34 - Senecal - senecal.deviantart.com

- Pág. 36 - Jack Ketch - dastotenkopf.deviantart.com

- Pág. 37 - Anakuklosis - anakuklosis.deviantart.com

- Pág. 39 - Matthew Trevithick - koolgiy.deviantart.com



Editorial

Lurker

Estamos num novo ano, com um novo número da Infernus nas mãos – e chegamos ao marco das 20 edições, um número redondo que representa quase cinco anos de edições ininterruptas. O que, segundo o nosso standard, é um feito digno de nota.

Em jeito de retrospectiva, 2010 foi um ano recheado de feitos mas também de mudanças – sentimo-las na Associação, mas também na nossa vida. Porque acima de tudo somos indivíduos que a apreciamos, e queremos explorá-la ao máximo. Infelizmente é curta, assim como as horas em cada dia, mas a nossa avidez de vida não é saciável.

Foi uma viagem extraordinária até ao momento – nem tudo foi positivo, como seria de esperar, mas o saldo é claramente favorável e dá-nos força para continuar o trabalho. Depois de algum tempo a tentarmos encontrar o nosso ritmo, nas últimas edições temos consolidado uma revista que nos orgulha e que é seguramente – sem falsas modéstias – uma das melhores do mundo a falar de Satanismo.

E para celebrar este marco, porque não dedicar uma edição ao tema da Gula? Pecar é não viver, e portanto fomos atrás do que nos deixa de água na

boca, literal ou metaforicamente. Demos espaço aos nossos colaboradores residentes para explorarem o tema sob múltiplas perspectivas, e ficamos bastante satisfeitos com o resultado obtido. Cabe agora a cada um que lê estas linhas fazer o seu juízo e – já agora – passar-nos a sua opinião. Queremos, como sempre, continuar a melhorar.

Permitam-me destacar a entrevista a Josephine Seven, cozinheira afamada e impulsionadora de um dos melhores e mais conhecidos grupos culinários no Satanismo – o Satanic Gourmet. Trocamos umas impressões e algumas receitas, complementadas com motivos de degustação que estão também de outras formas espalhados por esta edição. Vale a pena ler com atenção e experimentar na cozinha algumas das sugestões que vos trazemos.

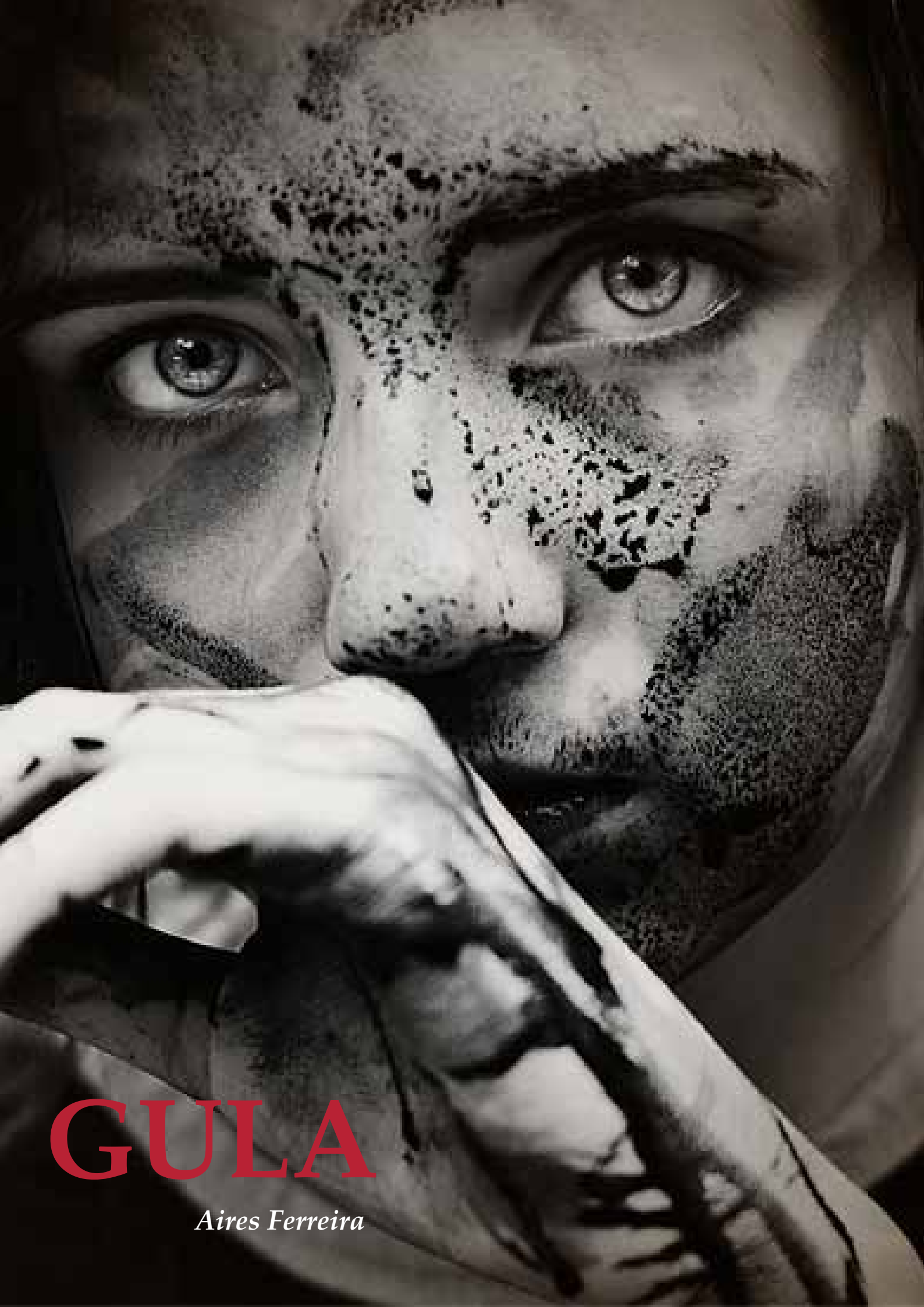
É momento agora de vos deixar para apreciarem tudo o que esta edição vos reserva, e desfrutar do Equinócio de Primavera. Os dias começam a tornar-se mais longos, e há sempre muito a fazer e novas barreiras a derubar. Como a da próxima edição, já na forja – mas sobre ela falaremos daqui a alguns meses, no cerne do calor.

Boas leituras e até ao Solstício de Verão! •

ÍNDICE

Gula -----	4
<i>Aires Ferreira</i>	
Petrolina candelabro e a tragédia do azeite derramado -----	8
<i>BM Resende</i>	
A Última Gota do Abcinto -----	11
<i>Lurker</i>	
Consumir ou ser Consumido? -----	15
<i>Metzli</i>	
Na Cozinha com Josephine Seven -----	18
<i>Lurker</i>	
Diabos a Cavalo -----	22
<i>Charles Sangnoir</i>	
Cominda de Sangue -----	24
<i>Devis DeV deviLs g</i>	
O Satanismo é um Pão -----	26
<i>Mosath</i>	
Tenho um apetite de morte -----	31
<i>José Macedo Silva</i>	
A Caça e a Caverna -----	34
<i>Naive</i>	
Gracinha -----	37
<i>Outubro</i>	





GULA

Aires Ferreira



Está tanto frio que o fogo custa a acender.

E são as chamas que me dizem o que está para acontecer;

Queimado por dentro,
deixo-me ir ao abismo
para descobrir o centro
de gravidade do sismo
que teima em tremer-me a cisma
sobre tudo o que me rodeia.

A desconfiança queima o ar
que esqueces respirar.
Não há alma que não fales,
que não sintas os arfares
da morte ao pescoço.
Mas não há jantar ou almoço
que não te caia bem.

E não falta quem,
passe fome.

Não falo sobre encher a boca,
mas antes sobre a marota
vontade incontornável de comer,
encher o bandulho com entulho
que de nada te vale.

Sejas Isabel, Queirós, ou do Vale,
gostes mais doce ou com mais sal,
não deixas de emborcar,
consumir, desembalar,
abrir, descongelar,
aquecer, comer.

Diz-me o que te leva a crer
no vão encher do corpo?
Pensas sequer se estás a ir certo,
ou pouco a pouco deixas de estar aberto
à ideia da Gula ser, de facto, um pe-
cado mortal?

Esquece o que te foi ensinado no curral
disfarçado de escola.
E deixando de lado a política e a bola,
encontrarás razão para acreditar
que a Gula é mero resultado
do programar.

Do que é que estou a falar?
Não te querendo maçar
e começar a cuspir rimas
de fazer chorar a rir,
nem trago previsões ou adivinhas.
Só dois palavões:
Puma Punku.
Alinhas?

A Gula põe-te na linha!
Ou acreditas mesmo que granito,
pode ser cortado por ossos
de galinha?

Quer, sempre, pelo menos, mais!
És melhor que todos os outros,
garantido pelos teus e teus pais!

Não.
Tudo coisas de iludir.
A Gula está-te na carne,
como no pão o bolor por vir.

Imagina 1 de algo que nunca tiveste.
Se te agradasse realmente,
verias que te impuseste friamente,
a repeti-lo.

E se tiveste 1 mau,
queres 1 melhor.
Tu, especialmente, tu,
nunca podes ter o pior.

Mas,
acompanha-me neste pensar ousado:

Deus está morto porque
nunca existiu.
Mas se o puto está morto e enterrado,
como é que o sistema ruiu?
Quem não ouviu os avisos?
Nem foram rápidos, nem concisos,
só detalhe para não
sermos deficientes.

E sendo crentes ou ateus,
servam o diabo ou deus,
acredites nas mortes dos animais
e na queda do faraó,
ou nos falsos anais
da alucinação de Jacó.

*"E sonhou: Eis posta na terra uma es-
cada cujo topo atingia o céu; e os anjos de
Deus subiam e desciam por ela".*

*"Desprende-te da
Gula,
jumento.
Sabe-a parte do
fascinar,
para a encefálica
secar.
Sabes onde a Gula te
pode levar?"*

Minha cambada de Eliseus,
precisais de um desenho na tela?
Ou é claro como um quadro,
que anjos não precisariam de esca-
das
para ir do átrio ao adro?

Eles simplesmente não sabiam o
que era tecnologia.

E esse teu cérebro,
já irradia a luz do conhecimento,
ou estas palavras são um tormento,
de entender?

O que estou para aqui a dizer?
Supernos leitores da Infernus,
estou só a desacelerar.







Bem sei que é muita coisinha,
para de uma só vez pensar.

Mas agora deixo de enconar,
e vamos os dois viajar.

Respira.
Desacelera, e regenera o que te leva
no elevar do pensamento.
Desprende-te da Gula,
jumento.
Sabe-a parte do fascinar,
para a encefálica secar.

Sabes onde a Gula te pode levar?

Conheço um tipo que
gostavade fornicar.
Tudo lhe servia, bastava andar.
Bondage, Asfixia & S&M.
Marchava trans, homem e femme.
Acabou a chupar a própria pila.

Sim, eu sei que digo demais
para de só uma vez assimilar.
Mas a verdade é que não sei parar.
Daí o meu estudo.

Venham exércitos, façam de mim
cego, surdo ou mudo,
e continuarei a barafustar!
Tu, tens que mudar.

Eles querem-te enterrado,
inebriado, sempre fascinado,
a querer mais.
Somos idiotas como não há iguais.
Putá que te foda a ti e a teus pais!
Sois escravos da ordem!
Cão que nem ladram,
nem mordem,
pois teus intelectos só sobem,
para baixo.

E a Gula,
a arma final.

Não me leves a mal,
com todo este trautear,
é mesmo de mim o constante indagar.
Daí não parar de procurar,
sabendo bem o meu lugar,
para onde vou e com
quem quero ficar.

Tenho Gula de verdade,
e seja qual for a idade,
estarei sempre, sempre,
a inquirir.

E tu, coisa de fazer-rir,
e a Tua Gula?

Há em ti mente inquisitiva
ou nessa cabeça cabe só
a letra da mula da cooperativa?

E nem com dois coices
no já pensado te deixas ir
por território inexplorado.

“É abonatório, o questionar questionado”
disse-me um estrangeiro
que me segredou lampeiro
um segredo de pasmal!

Somos somente números,
de subtrair e somar.

Há algo que queiras mudar?
Ou deixaste ficar no parar
de continuar a enganar
quantos pensamentos críticos tens.
Todos nós, zés-ninguéns.

Porque motivo somos separados?

Porque te infligem a Gula?

E a Gula, a arma final.

Seja no dia dos namorados,
ou num filme onde uma ruiva engula.
Desregula o que te é injectado.
Questiona tu,
o que aprendeste já questionado.

Pula a cerca do pecado,
e pensa de onde a Gula vem.
Saberás depois,
porque toda a gente a tem. •



«A Fome» foi escrita no ano de 2004,
pelo punho direito de Aires Ferreira.

Numa noite ácida do mesmo ano,
o autor ouviu «Delirium Córdia» dos
Fantômas, pela primeira vez na vida.
Disso se fez o registo audio em anexo.

Foi assim oferecido, como presente
mais do que merecido, no ano de
2011, à revista Infernus.

Não à Gula, sem Fome.

Aires Ferreira

PETROLINA CANDELABRO

e a tragédia do azeite derramado

BM Resende



*Petrolina candelabro
era o nome de algo que
desprezava o seu nome.*

Não se nomeava, não obstante ser nomeada por progenitores incógnitos, exceptuando um latoeiro de dedos lacados pelos socacos metalizados da arte de zenão. Assim sendo, não se exigia de produtos de combustão negra. Fazendo-se antes demolhar pelo dócil engorduramento do azeite, cuja negrura era meramente ilustrativa nas suas excreções. E toda ela incandesceu nessa vegetabilidade feita sumo quando hermes decidiu providenciar a ignição à artificação circumscrita a quatro vidros e circundâncias que se sabiam esperar pela deflagração por contágio. Os arredores eram rastilhos. Em si também os detia como tesura itifálica preparada para penetrações eternizadas à mitologia mímica. E ela era verde. Porque descendia em linhas indirectas e sinuosas sobre a consciência com umas quantas paralelas e quando não mesmo quebradas da diogenia. Da moradia tunelificada mais perfeita que o cilindro e menos perfeita que a esfera. A morada de um tonel exteriorizada às sapiências cínicas. A sua forma

era outra forma por descender e nunca por degenerar. E por recuperar o fulgor no molde latoeiro onde o pavio sexualiza a humidade à ejaculação da chama. Engolia-se a si mesma. E flamejou como se nada mais interessante ousasse acontecer. Porque ela desdenhava as folhas secas que lhe serviam de leito. Ouvia-as ranger e era tudo. A sua independência roçava os bigodes na aristocracia de um felino assanhado, enquanto raspava nas unhas do seu portador e mordía os dedos na doce meiguice própria do fogo

*“E por recuperar o fulgor
no molde latoeiro onde o
pavio sexualiza a humi-
dade à ejaculação da
chama. Engolia-se a si
mesma.”*

na carne que se erotiza como instinto de um aumento de temperaturas. Também ela era um antídoto a um desmaio. Ou a uma distração existencial que não a considerasse como o centro das coisas.

Candelabrocentrismo. E deambulante. Mal passou o carnaval dos animais pelas semióticas inconstantes acompanhadas aos sussurros de uma infinidade de labaredas próprias de quem se inomina sucedeu. Os pinotes pianísticos acrescentaram laranjas férteis aos rastilhos que eram todavia subservientes à potência interior. Mas o poder de si catapultava-se às vibrações animais de outrem. E toda ela ronronava como qualquer labareda em situação semelhante, não obstante nada se assemelhar e em tudo discrepar da usura infrutífera do dom prometeico na questiúncula mundana da frivolidade de esquentamento por conforto de termodinâmicas que em si mesmas falham no equilíbrio. Em si mesmas exceptuam a regra da conservação de massa e energia. Em si mesmas não se são. Mas hermes elaborava os seus artifícios sem que os ofícios interferissem na artificação da moldagem de coisas. Artes sem ofícios. As pessoas que não existiam menos se enquadravam pois atena os desvairava com o morfismo de coisas noutras coisas. Mas por ser ocasião embriagatória teatralizada com outros dons da reunião tribalizada escasseavam os não-outros. Era uma beleza que sempre o foi mas em singularidades. Tê-los à mesma circunstância uma dádiva incomum. Uma incomunidade. Uma assembleia única e irrepetível. Então já o incenso se tinha





*“Petrolina candelabro
apagou-se quando tinha
de se apagar. Sem dor.
Mas com o seu contrário.
Viveu o tempo que tinha
de viver e todo de
uma só vez.”*

si mesmo quando ela o quis e nunca depois. Elevar a chama aos projectídeos ubuescos que deflagravam a ciência em derrame. Em cascata. De cima para baixo. Ao som da mascagem de pão pouco humidificado na saliva que tinha outros compromissos para com o excesso de temperaturas. Febre de atrofia física quando o corpo não se corresponde. Mas as febrilidades não chegavam à chama embora fizessem com que a bússola do meridional se espiralizasse por formas intransmis-

síveis. A transmissão era outra. E foi. Viam-se seres pelos olhos dela embora ela não os tivesse nas órbitas. Orbitavam por cima. A singelidade da sua calma era um trampolim para os raios acesos nas faces. Borbulhavam sem bolhas. Ela tudo aspergia fazendo excreções negras de fumeiros que ondulavam na cena como paraísos de vigília que teima em não entrar em sono, nem acordar para o raciocínio maquinizado da computadorização ocidental. O sonho conquistava-se à sua iluminação. E a umas outras que por si derivavam. Dir-se-ia uma iluminista caso a ideologia fosse coisa sua. Também desprezava tais luxos de pensamento. No fundo a predominância da subjectividade feita ondas de danças coreografadas ao transe grafado à tinta escorrente de umas unhas gastas pelas verduras de serem verdes. O amadurecimento era outra fase conquistada a corta-unhas. Afrodite louvada nas clamações dera frutificações hermafroditas. Pois nas águas de salmáxis nasciam falocricas prontos para o combate contra coisa nenhuma. Mas marchavam. E os sufis dançavam. E as gargantas gastas pelos trabalhos incendiaram-se ao vinho espremido da pipa que dava morada

ao cinismo. Ao cão com meias de lã que confraternizou com a filosofia da canilidade logo limpa do platonismo rasgador de poéticas cerradas ao mais verdadeiro impulso da libido extra-freudiana. Jungiana. Compulsiva. Elogiada por isso mesmo e por outras textualidades vnicas que dançavam no mesmo sítio fazendo estalar folhas secas que aromatizavam a planura com os requintes aleatórios da coisa que não se artificializa não obstante todos os índices teimarem em contrários. E tornavam a estalar para manterem a lucidez de que se caminhava sobre os licores da escorrência patafísica e não sobre água. Petrolina candelabro apagou-se quando tinha de se apagar. Sem dor. Mas com o seu contrário. Viveu o tempo que tinha de viver e todo de uma só vez. Não obstante o azeite derramado sobre as túnicas da sapiência grega após diversas odes funerárias em caixão vermelho. Porque tinha sorrido à luz durante o tempo que guardou para si. Todo o tempo do seu mundo.

Pois para si tudo o resto era morte. •





A ÚLTIMA GOTA DE **ABSINTO**

Lurker



Ele entrou pela porta estreita sem qualquer sentido de urgência (o stress do mundo moderno não era convidado a entrar nestes domínios), e enquanto descia os degraus íngremes sentia-se a fazer a viagem ao seio da própria Mãe Terra, tal era o conforto sentido nesta descida à escuridão.

Em pouco tempo percorreu as escadas e embrenhou-se no ambiente impregnado de fumo, onde a difusa luz vermelha dava um sentimento mais intenso às sombras. Talvez a neblina desse a toda a sala uma noção diferente de profundidade, mas este labirinto de mesas, cadeiras e personagens duvidosos parecia estender-se infinitamente – o lugar apropriado para estar nesta noite, sem dúvida.

Os seus pensamentos eram toda a companhia de que necessitava, por isso escolheu a última mesa da fila, perto de um canto soturno – não que qualquer luz fosse permitida ali, mas quando se está a caminhar o seu próprio caminho, este em particular, não se quer atrair atenção indesejada. Não hoje. Não nesta altura. Não para este momento.

O pedido foi feito de forma automática, permitindo-lhe regressar aos seus pensamentos. O seu melhor amigo em muitas ocasiões, o silêncio nunca se tornava desconfortável – permitia-lhe navegar pelos vastos oceanos profundos da sua mente. Padrões reflectidos em águas límpidas, velas frágeis em luta contra mares revoltos de fúria, portos seguros onde as âncoras encontram a sua casa, tudo isto era parte regular das suas viagens. Temos verdadeiramente de estar desprovidos de medo para explorar convenientemente o abismo da nossa própria individualidade.

O empregado regressou, e colocou na mesa o conteúdo do seu pedido. Uma garrafa de absinto verde, verdadeiro elixir dos deuses. Um torrão de açúcar, perfeitamente quadrado, uma ode à lógica da matemática. Uma colher de absinto, chata e perfurada num padrão invulgar. Um copo, claramente dividido em dois receptáculos distintos. Um jarro de água gelada, uma representação do ambiente primordial da nossa ascensão. O palco estava montado. Era agora hora do ritual.

Ele era experiente no rito do absinto, tantas vezes o tinha realizado no passado através das mesmas mãos e mente. Desde a primeira descoberta do elixir, passando pelo crescimento gradual do conhecimento e experiência, até ao domínio da técnica, era também um claro paralelo à sua própria vida, aos seus es-

tudos do animal humano. Algo com que cresceu, o absinto tinha reservado um lugar agradável no seu pensamento onde regressava vez após vez para uma nova – mas sempre intensa – experiência.

Primeira fase do ritual – a preparação. Os elementos estavam dispostos na mesa de acordo com o padrão com o qual se familiarizou: a garrafa de absinto no extremo superior esquerdo, a jarra de água no extremo superior direito; a colher de absinto à esquerda, o torrão de açúcar à direita; o copo no centro, sob todos os outros. Olhos para os preparativos, cuidadosamente aperfeiçoando cada elemento com pequenos ajustes até encontrar harmonia na imagem que via com os seus olhos. Começava a sentir a energia que o rodeava, o seu corpo an-

***“Ele era experiente
no rito do absinto,
tantas vezes o tinha
realizado no passado
através das mesmas
mãos e mente.”***

tecipando o que em breve se seguiria. A sua mente estava agora totalmente focada, e ele estava pronto. Com um suspiro final, continuou.

Segunda fase do ritual – a execução. Agarrou na garrafa, abriu-a e depositou cuidadosamente uma medida do néctar verde no copo, até a área mais pequena, no fundo, estar totalmente preenchida. Enquanto a última gota percorria a distância entre a borda do gargalo da garrafa e o depósito no copo, pensou na infinidade de interações, acções e reacções que foram necessárias para a bebida ser criada, aperfeiçoada, refinada e finalmente entregue neste local onde ele – e outros como ele, ou talvez não tanto como ele – experienciaram a derradeira satisfação do abraço da fada verde.

Tudo tinha começado com a planta do absinto (*Artemisia Absinthium*) – a erva que dava ao absinto o seu nome e cujos óleos contêm o composto químico Tujona, supostamente o responsável pelos efeitos misteriosos do absinto. Misturada com outras ervas menos grandiosas, como a losna, cidreira, funcho e, em alguns sabores, diferentes variedades de anis, estava criada a fundação sobre a qual a fada verde construiu o seu palácio. Através de um complexo processo de maceração, destilação e coloração, a garrafa de absinto que ele estava agora a usar foi criada a partir do nada, como um pedaço de carvão transformado no mais puro ouro pela mão do experiente alquimista. Se isto não era verdadeira magia, então não sabia o que poderia sê-lo.

Regressando ao consciente e depois de ter devolvido a garrafa à sua localização original, colocou a colher de absinto no lugar que lhe é devido, na borda do copo, gentilmente colocada na posição correcta. O torrão de açúcar tomou depois o seu lugar no centro da colher, sobre as intrincadas perfurações, pronto para o sacrifício. Quando esticou o braço para chegar à água, confirmou que estava ainda tão fria quanto possível – um pré-requisito importante para atingir o objectivo pretendido com o ritual. Então, lentamente, começou a pingar água sobre o açúcar. Enquanto estas lágrimas naturais dissolviam as estruturas cristalinas do torrão, esta união de elementos fez com que gotas adocicadas caíssem no absinto pronto para as receber, uma apropriada representação da natural luxúria carnal sentida por todos os homens. Este era o passo mais importante do ritual, já que sem o devido enfoque o fluxo de água levaria inevitavelmente ao desastre. Não era, felizmente, o caso desta vez – estas eram mãos bem treinadas.

O clímax estava perto! A primeira gota caiu do torrão de açúcar e a transformação alquímica começou – essa gota traçou uma via láctea através do absinto, transformando-o de profundo verde em branco opaco devido ao efeito “*louche*”, enquanto o açúcar se dissolvia adicionando cada vez mais gotas a esta equação. Um evento tão mágico estava embuido no subconsciente de todos os que procuram a pedra filosofal, a mudança dos elementos, a transformação do vulgar no único.

Os seus pensamentos deambularam também para o mago original – pelo menos de acordo com o mito popular. Embora fosse usado no antigo Egipto e Grécia, foi apenas no século XVIII que o absinto como o conhecemos foi criado. Corria o ano de 1789 e o Dr. Pierre Ordinaire, embora Francês, vivia na cidade Suíça de Couvet, no cantão de Neuchâtel.



Tendo descoberto a planta do absinto numa das suas viagens, o doutor usou-a combinada com outras ervas e álcool para criar um elixir usado em todo o tipo de remédios e xaropes – como ditava a boa prática naqueles tempos de obscurantismo. Depois de vários relatos de curas milagrosas, o líquido foi baptizado de fada verde, um nome que haveria de acompanhar a bebida até aos dias de hoje.

No entanto, ainda havia uma longa estrada a percorrer até se atingir o que conhecemos hoje como absinto. O Dr. Ordinaire eventualmente vendeu a sua receita, que seguiu o seu caminho até chegar às mãos de duas irmãs que viviam em Couvet chamadas Henroid. As irmãs exploraram comercialmente a receita, posteriormente vendendo-a de novo a outro Francês chamado Major Dubied, cuja filha casou com Henri-Louis Pernod, dando origem à criação da *Dubied Père et Fils* – a primeira destilaria de absinto que criou a primeira marca comercial de absinto em 1798. Desde essa altura, a família Pernod expandiu o seu negócio para criar uma das mais notáveis marcas de absinto – não aquele que tinha na sua mesa, infelizmente, mas mesmo assim de uma qualidade aceitável. E estava prestes a provar essa percepção como correcta – ou talvez não.

Terceira fase do ritual – a consumação. O absinto tinha percorrido um longo caminho até chegar a esta mesa, mas estava agora pronto para o seu derradeiro desígnio – atingir o seu destino. Olhando uma última vez para a mesa, todos os elementos pareciam estar no seu lugar e ele estava pronto para o próximo passo. Cuidadosamente encapsulando o copo nos seus dedos finos, levantou-o ao nível dos olhos, analisando a substância branca leitosa no seu interior, outrora verde mas agora transformada devido ao poder do “*louche*”. O copo começou a inclinar-se da sua posição vertical original em direcção à horizontal, o movimento da física interrompido quando o puro cristal tocou nos seus lábios. Sentir o frio enviou arrepios através da sua espinha, um efeito secundário da água gelada contida no receptáculo, mas também elevando os sentidos até ao limite que procurava. Agora estava totalmente pronto para abraçar a experiência.

Pareceu uma eternidade até que o absinto tocou na borda do copo, e daí transferiu-se para a sua boca receptiva. Deixou uma generosa porção de líquido penetrar nesta porta principal para o mundo interior do seu próprio corpo, um altar apropriado para o templo de si mesmo. Quando o absinto tocou a sua língua a experiência total iniciou-se definitivamente, e todos os sabores se torna-

ram inebriantes. Daí para a garganta foi um simples passo, permitindo que esse sentimento se alastrasse até que finalmente chegou ao estômago.

Esta era com certeza a mesma experiência que as tropas Francesas sentiram por volta de 1840 quando o absinto era distribuído como tratamento para a malária. Daí ascendeu até se tornar a bebida social mais popular do seu tempo em apenas cerca de 20 anos – enquanto os Ingleses tinham a hora do chá às 5 da tarde, os Franceses tinham a “hora verde”, como lhe chamavam. Sempre preferi o refinado gosto Francês à brusquidão Inglesa, honestamente...

No entanto, as pessoas são intrinsecamente estúpidas. Devido à sua enorme popularidade, o absinto colocou em ris-

co a indústria vinícola Francesa, e tinha que ser travado. Na primeira década do século passado, uma enorme campanha de propaganda foi lançada levando à histeria em redor do absinto – a bela bebida foi acusada de ser a causa por detrás de uma série de crimes violentos, e a moralidade encontrou um novo demónio, desta feita verde. Graças às propriedades que o tornavam único, o absinto foi banido da maior parte dos países e foi gradualmente substituído por bebidas anisadas onde a planta do absinto não fazia parte da sua composição – individualidade substituída pela massificação, especial pelo trivial, um por muitos. O ritual sagrado tinha sido banido.

No entanto, a esta mesa, o ritual tinha sido consumado pela primeira vez.







Quando reabriu os olhos retornou o copo à sua posição original na mesa – sabia que esta era apenas a primeira de muitas vezes que esta sequência de eventos teria lugar, mas tinha que se preparar para o que vinha a seguir.

Quarta fase do ritual – a satisfação. O líquido alastrou como um vírus, enviando uma sensação calorosa através de todo o seu corpo – indubitavelmente originada numa reacção química no seu cérebro, mas este racionalismo estava para além do que esta experiência visceral lhe proporcionava. Os seus vasos sanguíneos começaram a alargar-se devido ao efeito dos 68% de álcool contidos na bebida, e a soma de intensidades acumuladas de experiências semelhantes um pouco por todo o mundo parecia convergir neste local, nesta hora, centrada nele. Neste preciso momento, ele era sem dúvida o centro do seu próprio universo – como aliás era sempre o caso.

Durante muito tempo o absinto era considerado alucinogénico, e o mito popular cresceu em redor desta interpretação incorrecta. Inteiros movimentos culturais foram baseados no absinto, com poetas, pintores e outros artistas a regressarem aos braços da musa verde para obterem inspiração. A Tujona é o composto químico responsável pelas propriedades alucinogénicas que o absinto supostamente teria, e apesar da ciência ter desmistificado esta ideia e provado o contrário, apreciadores em tudo o mundo continuam a considerar o absinto como um perigo para a consciência. Nenhum mal surgiu de um mito interessante, e realmente algumas das ervas presentes no absinto agem como estimulantes, enquanto outras agem como sedativos – talvez seja daí que muitos afirmam sentir

um sentimento global de lucidez e despertar ao bebê-lo.

Não é este o caso, no entanto, já que o seu desejo era uma completa experiência consciente do ritual do absinto e da satisfação derivada da bebida. Muito honestamente, não se importava com o mito nem com quantas mentes frágeis se tinham perdido em redor do absinto, deus, o bicho papão ou qualquer outro produto da imaginação fértil. Ele ansiava


*“E uma vez que a
única coisa que nos
mata é mesmo a vida,
é melhor garantirmos
que estamos a viver a
nossa em toda a
sua plenitude”*


pelo sentimento quente que o absinto lhe transmitia, inigualável entre outras bebidas populares – mesmo mais potentes. O resultado de intenção e acção, como em qualquer outro ritual como deve de ser, este tinha chegado ao momento do último passo.

Quinta fase do ritual – a conclusão. Depois do que pareceu uma eternidade, o copo estava vazio. Ausência de absinto – esta expressão tinha sempre colocado um sorriso na sua cara, mas não hoje. Não estava com disposição para piadas

fáceis, uma vez que o ritual estava concluído e era altura dele prosseguir o seu caminho. Nada se consegue estando sentado a uma mesa, e qualquer ritual é apenas eficaz quando o enfoque que proporcionou é usado como um catalisador para a acção. Isto era o que ele pretendia, e normalmente conseguia obter aquilo que desejava.

Como todos aqueles que reavivaram o absinto nos anos 90, acabando com uma absurda proibição e retornando à graciosa bebida verde o lugar de onde nunca deveria ter saído, na vanguarda dos bares em todas as regiões onde um especialista vive. Tirando partido de países onde a proibição nunca esteve em vigor, uma vez que aí o absinto nunca tinha sido tão popular, vários distribuidores reiniciaram o negócio e pouco depois o absinto recuperou a sua popularidade. Neste local, como em muitos outros. Finalmente a conta estava saldada, outro grande feito alcançado por aqueles que almejam a deixar a sua marca neste mundo.

Ele tinha também deixado uma impressão substancial no seu plano de existência. Enquanto ponderava deixar este covil, subindo as escadas em direcção ao ambiente exterior, apercebeu-se que estas acções nunca teriam lugar. Dizem que apercebemo-nos quando a nossa viagem se aproxima do seu término, e o absinto parecia o companheiro apropriado para esse evento – nada nos espera para além da vida, apenas esquecimento infundável, por isso um toque de verde era bem-vindo no vazio para onde se encaminhava.

Gentilmente deitando a sua cabeça na mesa, reflectiu sobre a felicidade. Qual é o significado dessa palavra, alguém sabe? No que lhe dizia respeito, a maior parte das pessoas não consegue compreender o conceito porque não têm a coragem de seguir os seus instintos – constantemente arrastadas para o fundo pela imposição da sociedade, incapazes de se livrarem das grilhetas colocadas na sua própria existência, sem a vontade necessária de tomarem acções pela sua própria mão. Se viver como um verdadeiro indivíduo era felicidade, então ele era o homem mais feliz vivo. Este foi o último pensamento a percorrer a sua mente, enquanto deixava de ser o homem mais feliz vivo – não porque tinha perdido o seu ímpeto, apenas porque deixou de viver.

Tabaco. Álcool. Mulheres. Homens. Nenhum destes factores foi a causa da sua morte. Ou talvez todos tenham sido, porque foram todas escolhas próprias. E uma vez que a única coisa que nos mata é mesmo a vida, é melhor garantirmos que estamos a viver a nossa em toda a sua plenitude – só para o caso deste ser o nosso último dia vivos, e esta ser a última gota de absinto que alguma vez provaremos. •

A woman with dark hair, wearing a black off-the-shoulder dress, stands against a large, textured stone wall covered in moss and lichen. Her arms are outstretched to the sides, and her head is tilted back, looking upwards. The lighting is dramatic, with strong shadows and highlights on the wall and her dress.

CONSUMIR OU SER CONSUMIDO?

Metzli

Haverá na vida um prazer maior do que o deleite proporcionado por um manjar preparado com os nossos ingredientes favoritos?



Haverá forma de resistir, sem pensar duas vezes, à oferta de um prato que apenas por estar à nossa frente já nos faz salivar? Se calhar não há, porque sendo a alimentação uma das necessidades mais básicas da espécie nada é mais forte do que o nosso apetite. Ou quase nada. E a Igreja cedo se apercebeu disso e encontrou uma forma de se aproveitar desse facto.

Na sociedade actual, face a outras épocas, defrontamo-nos imensas vezes com o problema da falta de tempo. Problema esse que nos faz ingerir qualquer alimento, de modo acelerado, e ao qual não damos valor. *Fast-food*. O nome diz tudo. Comida feita em 3 a 5 minutos depois de a pedirmos, que pode ser hiperpersonalizada, criando assim a ilusão de que realmente estamos a adquirir o que queremos e gostamos, e que é devorada em mais 5 a 10 minutos. Uma “refeição” completa em 20 minutos, quando algo foge ao que estava previsto.

Muitas vezes, são só esses 20 minutos que temos. Com tantas actividades, e num dia com apenas 24 horas,

*“Olho à minha volta
e tudo na sociedade,
nas conversas de café,
nos programas televisivos induzem a
que sejam repudiados
hábitos alimentares
que possam conduzir
a uma vida menos
saudável e, porque
não, à obesidade.”*

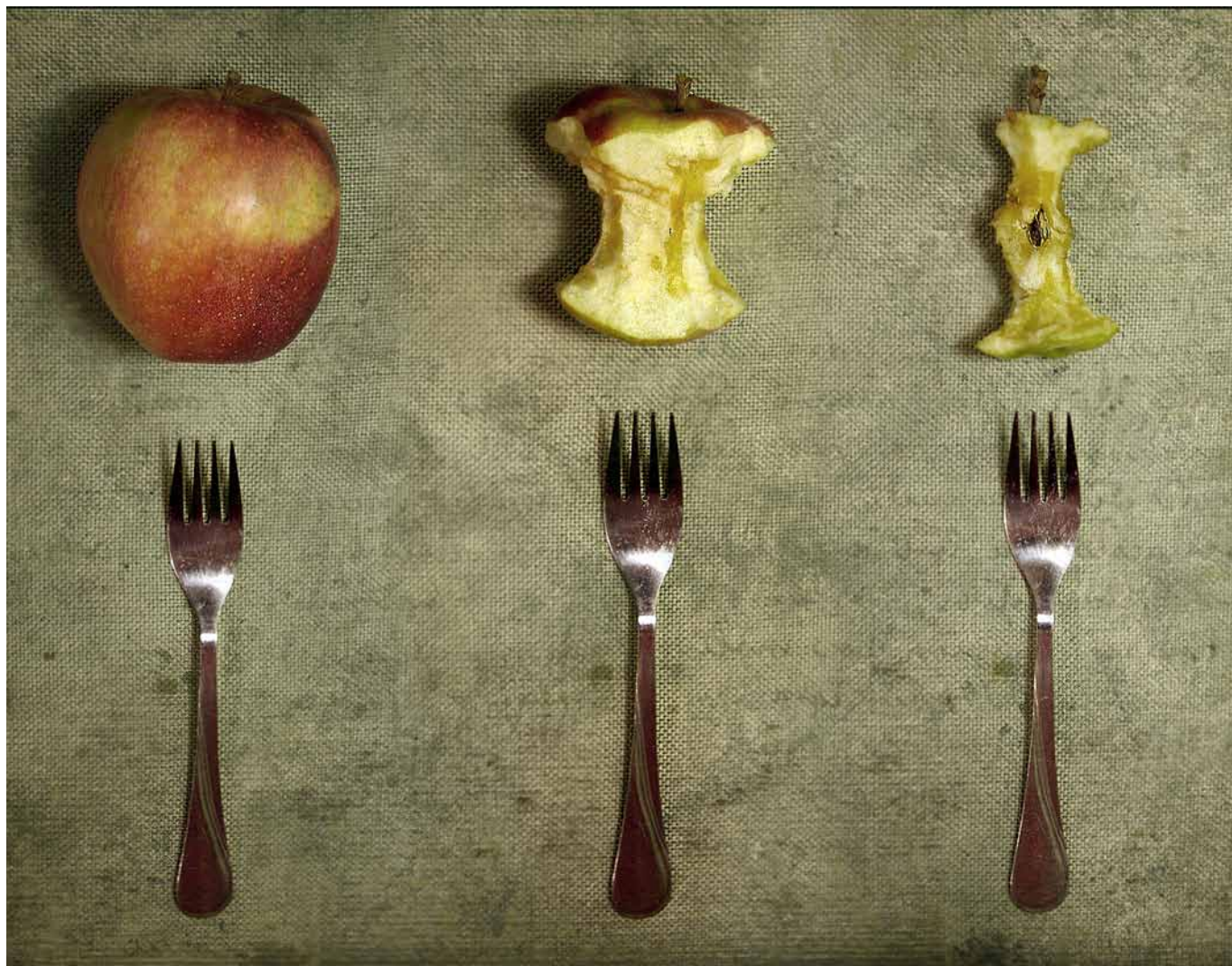
resta pouquíssimo tempo para estes prazeres que vamos adiando e substituindo pelo que é possível. Para mim,

parar para reflectir sobre este tema não deixa de criar um vestígio de tristeza. Sendo algo que me diz tanto e que deveria ser sempre um momento especial e único, raramente dedico mais do que 20 minutos às refeições.

Entre as aulas, trabalho, casa e tanta coisa para fazer é o melhor que se consegue. Claro que depois todos estes maus hábitos que se vão entranhando e fazendo parte do mais fundo do nosso ser se reflectem na nossa estrutura física, para o bem ou para o mal.

Olho à minha volta e tudo na sociedade, nas conversas de café, nos programas televisivos induzem a que sejam repudiados hábitos alimentares que possam conduzir a uma vida menos saudável e, porque não, à obesidade. O que vemos são exemplos de pessoas com traumas recalcados, com passados menos felizes e que se deixaram e continuam a deixar arrastar.

Não consigo imaginar nada mais contraditório aos princípios enunciados/reunidos por Lavey e que todos, à nossa maneira muito própria e individualista, vamos seguindo. Deixar-se





levar por algo exterior a si, que lhe é prejudicial, sem mexer um só dedo para contrariar será o cenário oportuno ao que tentamos fazer todos os dias.

Podemos tentar pensar de uma outra forma sobre o mesmo assunto, tentar ver o lado da moeda. A verdade inegável é que a comida se traduz, na maioria das vezes, em prazer. Prazer que não encontra rival à sua altura entre todos os restantes. Estes momentos de alimentação podem sempre ser partilhados com outras pessoas, mas, bem lá no fundo, este prazer é só nosso. Ainda que outros estejam a saborear as mesmas especiarias, a mesma combinação de sabores, nós vivemos esse prazer alheios aos outros. As experiências que decorrem nas nossas papilas gustativas são nossas, pessoais e intransmissíveis.

O importante é percebermos se realmente estamos a providenciar a nós próprios benefícios inadiáveis ou se, por outro lado, estamos a alimentar alguma frustração a qual ainda não confrontamos porque não reunimos a coragem suficiente. E não ter coragem é ser cobarde, é tentar tapar o Sol com a peneira e seguir como se o tivéssemos aniquilado. Não ter coragem para enfrentar o mundo e corrigir em nós o que achamos que está menos bem é não ser satanista.

Todos os seres humanos são, quer queiramos quer não, feitos do mesmo material, das mesmas necessidades e das mesmas redes psíquicas, que nos impelem a construirmos, desde muito cedo, várias imagens, embora essas imagens sejam alvo de actualizações e evoluções, tal como o próprio ser humano. Uma dessas imagens é a imagem social que gostaríamos que os outros tivessem de nós.

Dentro de nós guardamos segredos que nunca revelamos a ninguém, nem mesmo a quem divide a vida conosco. Um desses segredos é a imagem que nós temos de nós próprios, ainda que essa não seja congruente com a realidade, e, no fundo, no fundo, gostávamos que todos os outros nos vissem dessa forma. A imagem que, no entanto, o mundo tem de nós é, quase maioritariamente, mais dura, mais cruel e menos simpática do que a nossa.

Creio que foi com base nestas imagens, entre outras coisas, que a Igreja viu na Gula um bom negócio, que se tem vindo a revelar cada vez mais proveitoso, principalmente quando o homem criou a comida de plástico. Todos têm de comer para viver. Ninguém come apenas o que precisa, todos comemos porque isso nos dá



prazer e é assim natural pensarmos que doses excessivas são facilmente encontradas nas nossas dietas.

O pecado ideal para entrar na lista dos capitais. Com a vantagem introduzida ultimamente de que essas doses excessivas vão tornar as pessoas mais obesas e desagradadas com elas próprias, o que as fará recorrer à comida como uma forma de consolo, gerando um efeito bola de neve. Pessoas descontentes, porque a sociedade não vê nelas o que são de facto (ou gostariam de ser), e que recorrem a deus em busca de ajuda. (Na minha opinião não será a melhor opção, porque hóstias em excesso também não deve ser bom para a dieta.)

Solução? Fazer com que estas duas imagens distintas se igualem e se encontrem num ponto. Só temos assim

“Ninguém come apenas o que precisa, todos comemos porque isso nos dá prazer e é assim natural pensarmos que doses excessivas são facilmente encontradas nas nossas dietas.”

de definir qual será esse ponto e conduzirmo-nos para lá, por caminhos diferentes dos que temos seguido e que fizeram com que essas imagens se separassem. Escolher. Escolher conscientemente e saber levantar a cabeça perante a escolha feita. Isso já me parece uma atitude bem mais próxima da de um satanista.

Corria o ano de 2003 quando entrei para a Faculdade. Passava os fins-de-semana a dormir e sempre que acordava preparava uma das muitas pizzas congeladas que sempre habitavam o meu frigorífico. Depois, voltava a adormecer. Mas a minha vida no decorrer da semana era bem menos sedentária do que é hoje, por isso o meu corpo também reagia de forma diferente. O que é que eu posso fazer? Dispensar esta máquina biológica e comprar outra?

Assumir que os 20 minutos que tenho actualmente por dia para alimentação devem ser bem pensados de modo a continuar a comida a representar um prazer em vez de uma destruição diária do ego. E nos intervalos dos programas televisivos, nos jornais, nos outdoors e por todo o lado vamos continuar a ser bombardeados pela publicidade às novidades das grandes marcas multi-nacionais de fast-food.

Há que ser realista. Vamos acabar por ingerir esta pseudo-comida algumas vezes, mas já podemos bem com essa verdade incontornável e esses momentos também serão um prazer, porque são esporádicos. •



Na Cozinha com Josephine Seven

Lurker

Há qualquer coisa de mágico na arte de bem cozinhar. E juntar essa magia ao Satanismo parece uma excelente forma de garantirmos uma boa conversa – foi o que aconteceu com Josephine Seven, responsável pelo grupo Satanic Gourmet e afamada cozinheira.

Bom proveito!



Quem é Josephine Seven?

Uma mulher forte, corajosa, inteligente, apaixonada, criativa, erótica e maravilhosa.

Lembras-te do que te incentivou a ir para a cozinha?

Cresci em redor de homens e mulheres que cozinhavam. A minha mãe, o meu pai, tias, tios, todos cozinhavam. Enquanto crescia queria também aprender a cozinhar e fazer parte da tradição familiar.

E o que gostas mais na comida?

Gosto de sabor e de calor. Açúcar e especiarias. Comecei a interessar-me mais por ingredientes orgânicos frescos e eliminei quase totalmente comida processada e refinada assim como químicos.

Achas que o estômago é realmente um atalho para o coração?

Acho que pode ser. Quando cozinho para um homem, empenho-me de alma e coração e coloco todo o meu amor e paixão na confecção do prato. Quando ele o prova é como se me provasse. Algumas mulheres cozinham de forma automática seguindo uma receita, mas queixam-se sempre que a sua comida nunca sabe ao mesmo que a minha e querem saber o meu segredo. A paixão é o segredo. Têm de temperar a vossa comida com paixão e não só com especiarias.

Qual é a receita mais infame que já cozinhaste?

Terei de dizer as minhas decadentes trufas de chocolate.

Podes partilhar os teus pratos favoritos tanto para fazer, como os que preferes para degustar?

Adoro fazer alguns fritos e adoro usar o grelhador. Em relação ao que gosto de comer, prefiro comidas bem condimentadas e comidas com forte sabor picante. Adoro alho, chocolate negro,

filet mignon, queijo fresco e champagne.

O que é que não se pode usar numa cozinha satânica?

Teria de dizer que as comidas processadas ou pré-feitas não devem entrar. Muitas vezes são desprovidas de sabor, ou o sabor que é acrescentado é tão forte, ou falso, que não conseguimos apreciar as texturas e nuances que se obtém de uma comida natural feita de ingredientes frescos.

Há alguma inspiração especial que tens quando cozinhas?

Homens. Adoro cozinhar para os homens. Adoro quando eles colocam aquele primeiro pedaço de comida na boca e depois os seus olhos amaciam e eles ficam com um ar de êxtase na cara. Depois olham para mim com grande apreço e prazer. Cozinhar bem para um homem é como fazer amor com ele.

Qual é o verdadeiro ingrediente satânico?

Alho! [risos]

E qual é o ambiente mais propício para um jantar num contexto romântico?

Para ser romântico teria que ser na cama. Sensualmente a percorrer os nossos corpos com os nossos dedos. Talvez até usar os nossos corpos como prato para comer a sobremesa.

E entre amigos?

Para uma festa de amigos a minha cozinha, uma vez que abre para o pátio. Adoro receber os meus amigos e gosto de os reunir na cozinha e tê-los a deambular no pátio enquanto bebem o seu vinho, conversam e apreciam a comida que lhes ofereço.

Porque é que achas que a gula foi promovida a pecado pelo cristianismo? Porquê essa fobia de comida?

Acho que quando a igreja criou esse

RECEITA

Salada de milho e feijão

Ingredientes

- 3 latas pequenas de milho
- Malaguetas picadas (quantidade a gosto)
- 1 cebola vermelha pequena, aos cubos
- 1 pimentos vermelho, picado
- 1 lata de feijão preto, lavado
- 1 chávena de natas
- 1 chávena de maionese
- 1 colher de chá de cominhos
- 2 colheres de sopa de chili em pó
- 1 colher de chá de alho
- 1 colher de chá de cebola em pó
- 300 gramas de queijo ralado

Esta receita é muito simples – basta combinar os ingredientes e refrescar no frigorífico. Pode-se servir como molho a acompanhar batatas fritas, colocar sobre tortilhas com algum queijo, ou fazer tacos vegetarianos substituindo a carne por esta salada. Fica também muito bem a acompanhar chili ou sopa. Se quiserem ainda tornar a receita mais leve, substituam as natas e a maionese por azeite e vinagre.

“Quando cozinho para um homem, empenho-me de alma e coração e coloco todo o meu amor e paixão na confecção do prato.”





RECEITA

Pão de chocolate e canela

Ingredientes

Para o recheio

- 3 quadrados de manteiga sem sal à temperatura ambiente
- 5 chávenas de açúcar granulado
- 5 ovos grandes, à temperatura ambiente

- 2 chávenas de farinha
- 1 chávena de cacau
- 1 colher de sopa de canela
- 1 colher de sopa de sal
- 1/2 colher de sopa de fermento em pó

- 1/2 colher de sopa de bicarbonato de sódio

- 1 chávena de leite condensado
- 1/4 de chávena de água
- 1 chávena de chá de extracto de baunilha

Para a cobertura

- 1/4 chávena de açúcar granulado
- 3/4 de colher de chá de canela
- 1/2 colher de chá de cacau em pó
- 1 pitada de gengibre em pó
- 1 pitada de cravo
- 1/4 de chávena de açúcar decorativo (recomendo um com bastante brilho)

Preparação

Pré-aqueça o forno a 180 graus. Barre uma forma com manteiga e coloque no fundo papel vegetal, polvilhando com farinha para evitar que cole.

Numa taça bata a manteiga e o açúcar até obter uma mistura cremosa e clara. Adicione os ovos um a um, batendo até estar totalmente incorporado na mistura antes de adicionar o seguinte. Numa outra taça misture a farinha, o cacau, a canela, o sal, o fermento e o bicarbonato de sódio. Ainda noutra taça, misture o leite condensado, a água e o extracto de baunilha. Vá adicionando à primeira taça o conteúdo das outras duas, começando e acabando com a taça que contém a farinha, até obter uma mistura fluída e consistente.

Numa taça pequena misture o açúcar, a canela, o cacau, o gengibre, o cravo e o açúcar decorativo. Polvilhe esta mistura sobre o recheio do pão. Leve ao forno durante 45 minutos a 50 minutos, verificando se está bem cozido. Deixe arrefecer completamente antes de desformar.



“A comida pode também ser muito erótica, por isso contem com a incorporação desse elemento no projecto no futuro.”

pecado talvez a comida não existisse em abundância. Ao tornar a fome uma virtude, ou pelo menos ao promover comer-se pouco, podiam mais eficazmente controlar o fornecimento de comida. Assim, a fome seria algo bom e não propriamente um desconforto.

Podes apresentar-nos o projecto Satanic Gourmet?

O projecto começou como uma forma de partilhar receitas que cresci a fazer e comer, assim como a partilhar a experiência de planear eventos que adquiri ao longo dos anos. Tomou depois uma nova direcção para partilhar o que aprendi nos últimos anos, em que estudei mais profundamente comida, nutrição e saúde. Será também um espaço para partilhar o que aprendi a trabalhar com o meu treinador e a divulgar as grandes alterações que vou fazendo na minha dieta pessoal.

E que alterações são essas?

Lembro-me de pensar que não po-

deria comer comida saudável porque sabia horivelmente, e nos Estados Unidos isso acontece realmente. Mas depois pensei para mim mesmo: se sou realmente uma gourmet satânica, não deveria ser capaz de fazer comida que fosse saudável para o meu corpo mas que também soubesse maravilhosa-mente? Então comecei a experimentar e percebi que isso era realmente possível. A comida pode também ser muito erótica, por isso contem com a incorporação desse elemento no projecto no futuro.

E porque é que decidiste criar este projecto?

Adoro partilhar com os meus amigos e adoro ver o êxtase na cara das pessoas e ouvi-lo na sua voz quando algo que lhes ofereci lhes proporciona um prazer tão grande. Faz-me sentir bem e, como Satanista, é realmente esse sentimento que importa.

E o que conseguiste atingir com o projecto até agora?

O meu único objectivo seria talvez fazer algum dinheiro para poupar para o fundo universitário da minha filha. Como vivemos apenas as duas, optei por reservar todo o dinheiro que faço com os meus projectos para proporcionar os melhores estudos possíveis à minha filha. Vivemos perfeitamente bem, mas é importante preparar o futuro.

Lembras-te do teu primeiro contacto com o Satanismo?

Estava no secundário, a discutir o quão ridículo o Wicca era, e o meu namorado da altura disse que eu falava



como o Anton LaVey. Não fazia ideia quem era, por isso ele deu-me a sua cópia da Bíblia Satânica, e o resto é história, como se costuma dizer.

E o que é que te cativa mais no Satanismo?

A liberdade de ser eu própria e o encorajamento e suporte para o ser de todos aqueles que conheci através do Satanismo, que me apreciam como eu realmente sou.

Qual é o teu fundamento principal no Satanismo?

Indulgência – ser eu própria de uma forma inteligente e responsável.

Como vês o papel do Satanismo no mundo nas últimas décadas?

É difícil ter uma percepção sobre todo o mundo, até porque não tenho viajado assim tanto. No entanto conheci muitas pessoas de muitas culturas diferentes e com passados diversos, tendo sido agradavelmente surpreendida ao saber que muitos deles consideram

inúteis as religiões organizadas judaico-cristãs, sendo apenas uma enorme tentativa de manipular as pessoas.

E quais são as tuas perspectivas para o futuro?

Sou uma mulher livre agora. Livre de um casamento com um homem que não me tratava bem e que se aproveitava da minha natureza generosa. O meu futuro está totalmente em aberto e posso fazer o que me apetece. Antecipo com expectativa reencontrar velhos amigos, fazer alguns novos, e conhecer mais deste mundo em que vivemos.

Cozinhar é um ritual?

Absolutamente, sem qualquer margem para dúvida.

E se te fosse permitido cozinhar para qualquer pessoa, viva ou não, quem seria?

Acho que gostaria de cozinhar uma excelente e decadente refeição para Anton LaVey.

Para além do Satanismo e de cozinhar, quais são as tuas outras paixões na vida?

Adoro ler, pintar e desenhar, levantar pesos e fazer exercício físico, viajar e explorar, e acima de tudo disfrutar da companhia de bons amigos.

Objectivos para 2011 – queres partilhar alguns connosco?

Este ano quero acabar um romance que estou a escrever, assim como finalizar um novo livro de receitas que tenho em formato rascunho. Tenho também algumas ideias para livros para crianças, mas terão que aguardar um pouco mais.

Para acabar, podes deixar-nos com algumas das tuas receitas preferidas?

Deixo-vos duas das minhas receitas preferidas – bom apetite! •







Diabos A Cavalo

Charles Sangnoir

Caríssimos, aqui vai uma das minhas entradas favoritas, e um prato que fará decerto as delícias dos vossos convivas.

Apesar do nome sugestivo, devo declinar qualquer autoria sobre o mesmo. Os Diabos a cavalo são um pitéu de origem britânica, havendo diversas variações sobre a preparação do mesmo. Esta é a minha versão, bem condimentada como só poderia. Aviso à navegação: abasteçam o stock de bebidas, pois os diabos causam muita... sede.



Ingredientes

(para 12 diabos – o suficiente para 3 pessoas pouco gulosas, ou uma pessoa muito feliz)

- 150 gr de fígados de frango;
- 12 tiras de bacon sem couro nem osso;
- 12 ameixas (com tâmaras também combina optimamente);
- Sumo de meio limão;
- 2 c.s. de manteiga (poderá ser margarina, mas perderá sabor);
- Sal q.b.
- Pimenta de cayenne q.b. (reco-mendo, no mínimo, 1 colher de sopa)

Preparação

Numa frigideira larga, derreta a manteiga. Assim que estiver liquefeita, junte os fígados (já limpos e em nacos relativamente grandes), temperando com sal e sumo de limão. Cozinhe por dois ou três minutos (o suficiente para ficarem cozinhados por fora, mas sem que se cozinhem demasiado – não há coisa mais horrenda que fígados cozinhados em excesso!). Apague o lume e polvilhe generosamente com a pimenta de cayenne (eu não polvilho de forma generosa, polvilho de uma forma obsce-na e excessiva).

Corte as Ameixas pelo meio, tendo cuidado para não as separar inteiramente; retire o caroço (ou compre já

descaroçadas que é bem mais prático) e recheie com um pedaço succulento de fígado. Em seguida enrole este preparado numa fatia de bacon e atravesse este rolo de luxúria com um palito. Repita a operação para os restantes diabos.

Repouse os diabos num tabuleiro e leve ao forno até que fiquem provocantemente estaladiços (10 minutos a 200º deverá ser o suficiente – abra os olhos e vá tendo atenção!).

Por fim, tente ver quanto tempo consegue resistir até os devorar completamente. •



COMIDA DE SANGUE

Devis DeV deviLs g

Considerando tal, por se dizer que Anton LaVey cozinhou uma perna humana arrancada, a mesma trazida do Hospital East San Francisco Bay por um médico que era membro do Magic Circle, fundado em 1950. Mas essa lição peculiar de LaVey era sobre canibalismo e, em detalhe, sobre a perna, a qual se untara com um triplo licor (n. t. com 30% de teor alcoólico), que fora servida aos mais glutões e curiosos membros do grupo.

Num passado mais recente, em Março de 2001, “o canibal Alemão” Armin Meiwes comeu partes do corpo de um dos seus camaradas. E existem muitos outros casos de canibalismo que podem ser listados e expostos como a prova de que, ainda que seja o canibalismo o mais forte tabu da comida na civilização Ocidental, não deixa, hoje em dia, de ser uma prática persistente. Talvez no enraizado tabu número um que hoje o mesmo é, o mais complicado seja a tentação para o transgredir. Ajuizadamente, Oscar Wilde escreveu *“I can resist everything except temptation”* (“Eu posso resistir a tudo, excepto à tentação”), logo como é que alguém tenta satisfazer este pecado social negro, mórbido e glutão sem cometer um crime, visto que as leis Ocidentais punem normalmente tal mau comportamento? Eventualmente até o próprio Meiwes, acima referido, foi condenado à prisão...

Não se preocupem, meus caros amigos, a solução vem dos cristãos, os quais são notoriamente pessoas antropófagas, já que, durante a sua cerimónia conhecida como “comunhão”, comem a carne de Jesus Cristo e bebem o seu sangue. Portanto, porque é que vós não imitais o seu apetite vampírico por sangue? Usar-se sangue na comida pode bem tratar-se da maior inovação antropofágica, já que tal permite igualmente um passo firme em direcção ao campo do auto-canibalismo. Se os católicos comem o seu deus, porque é não podeis comer-vos a vós próprios?

Em 2007, o artista chileno Marco Evaristi celebrou um banquete, no qual serviu bola de carne feita da sua própria gordura, previamente removida com uma lipoaspiração.

É bastante fácil obter sangue humano, através da flebotomia, e as nossas

tradições culinárias possuem mais do que uma receita para preparar muitos pratos deliciosos.

Em Portugal, a região do Norte conhecida por Minho tem uma tradicional sopa de sangue, de seu nome, “Papas de sarrabulho”. A sopa é feita com sangue de porco, o qual pode ser substituído por sangue humano. Tanto os porcos como os humanos são animais omnívoros, portanto o sabor dos seus sangues não difere em muito.

O mesmo pode ser feito por vós com as seguintes receitas tradicionais italianas que aqui sugiro:

“Sanguinaccio” (Creme doce desangue)

Esta é a receita italiana mais comum a envolver o uso de sangue. Numa panela média misturar açúcar, amido, cacau em pó, canela e, devagarinho, verte-se leite. Cozinhar em lume médio e mexer continuamente. Adicionar manteiga, sangue (humano) e ferver. Verter uma colher de sopa de licor doce. Desligar do lume e deixar arrefecer. Deitar para taças individuais e deve servir-se frio.

É conhecida uma variação veneziana, designada de “Baldon”, na qual se adicionam uvas passas ao creme, juntamente com *Grappa*, uma bebida altamente alcoólica tipicamente veneziana, equiparável à americana *Moonshine*, cujo sabor é mais áspero e avinagrado do que o comum licor doce. Então, o “Baldon” é comido somente quando estiver completamente rijo e cortado em grandes fatias quadradas.

“Em 2007, o artista chileno Marco Evaristi celebrou um banquete, no qual serviu bola de carne feita da sua própria gordura, previamente removida com uma lipoaspiração.”

Os Throbbing Gristle cantavam “I wanna eat your leg” (“Eu quero comer a tua perna”).

Torta de sangue e maçã

Trata-se de uma torta típica das montanhas venezianas, dos vales próximos a Belluno. Cada um dos vales possui a sua variação, mas a receita facilmente se resume. Pegue algumas maçãs reinetas ou nas mais sumarentas, doces e macias de que disponha. Descasque-as, divida-as em quartos e coloque os mesmos numa assadeira previamente untada com manteiga. Borrifete os quartos das maçãs com *Grappa*, ou qualquer outra bebida alcoólica de que disponha, e deite açúcar. Adicione alguns flocos de manteiga (n. t. trata-se de pedaços enrolados de manteiga fresca) e uma chávena de sangue (humano). Adicione por cada porção de sangue, duas porções de leite coalhado, o leite gordo e naturalmente formado e enlevado na garrafa (n. t. é próprio daquelas garrafas de vidro de leite ao estilo dos antigos tempos, em que se deixava o leite à porta das pessoas). Deite açúcar e duas gemas de ovo. Usar a batedeira nestes ingredientes e espalhar a mistura na assadeira, de modo a cobrir as maçãs. Colocar no forno, a 200°C, por aproximadamente 40 minutos. Deixe a torta arrefecer antes de servir.

Salsichas de sangue

Blutwurst (Alto Adige, Norte de Itália), *Boudin* (Valle D’Aosta, Noroeste de Itália), *Sanganel* (Friuli, Nordeste de Itália), *Biroldo* (Tuscany, Centro de Itália), *Sanacele* (Sicily, Sul de Itália) são tudo tipos diferentes de salsichas feitas de sangue e com enchidos, em que as mesmas fiquem espessas o suficiente para que congelem quando ao frio.

Gjak te disanisur

Trata-se de um prato típico de Basilicata, no Sul de Itália, o qual provém da cozinha albanesa. Obtenha algum sangue (humano) e permita que o mesmo congele antes de usar. Assim que se torne um ingrediente sólido, corte-o em fatias. Frite as fatias usando azeite. Adicione-se pimentos secos, alho, malaguetas, folhas de louro e sal.

Bom apetite! •

O Satanismo é um Pão

Mosath





A gula tem que ser vista como aquela que satisfaz de forma segura, que entra naquele que persegue o ónus dos seus próprios caminhos por mais umas horas, comer em pequenas porções e muitas vezes.

Há coisas em relação à gula que só se conseguem expressar na escrita e por isso mesmo é que vou escrevê-las para os vossos olhos, desculpando-me por não conseguir de outro modo foguear a minha mensagem alimentícia.

A gula é um sentimento sobretudo afectuoso pelos alimentos, apesar de conotada com doses negativas em relação ao seu acolhimento livre. Digo que a gula não é tão negativa quanto as pessoas que nela se prejudicam, o conceito nada tem de negativo, se em escalas moderadas e em aberta predisposição, relegando para os gulosos ou simplesmente activos da gula o benefício ou o prejuízo da mesma. A gula é uma realidade contemporânea ou nobre ou fidalga ou hedonista, é-o mais do que um mal ou um pecado que os ideais religiosos e conservadores proclamam entre laivos de baba acérrima.

A gula é referida como um pecado capital, mas a mesma tão-só se trata de um acto de satisfação física, mental e intelectual, se em doses q.b., obviamente. Deve ser conduzida sem vergonha ou culpa, antes com aceitação dos prazeres inerentes à mesma e da celebração da vida.

Não se trata nem se tratará, aqui, de fome, antes de gula, a vontade de comer, o comer com os olhos do cérebro, o deleite da degustação.

A fome é, infelizmente, um patamar que requer uma outra abordagem e, quero lembrar-me, foi uma realidade que muitos pais e avós a nós ligados conheceram e sentiram. Pessoas que, espero, não tenham que ler este texto, porque obrigados foram a compreender o valor divino da comida, o não estragar, o comer para viver e, francamente, não tirar disso um prazer físico, também pela opinião religiosa entranhada como veneno nas flores. Claro que há pessoas que até sentiram na pele a fome de outros tempos sociais e, hoje, garantem-se a viver para comer, em grandes quantidades e nocivas, rodeando-se de motivos para comerem mais um pouco e com arreigado passo, mas são outros

casos, casos que estão duplamente à frente dos que comem reaciosamente além dos/com limites religiosos ou fundamentalistas e singularmente à frente dos que quero abordar.

A gula exercita os sentidos num modo afectuoso, altruísta, individualmente indulgente (o desejo tornado acção) e altivo. O cérebro apitará drasticamente o desejo de comer, levando a que na boca se formem as primeiras gotículas de apetite fugaz. Consoante o grau de moderação de gula, o apito altera em feitio, ou seja, um cérebro compulsivo em gula emitirá o som de um apito mais largo e retorcido do que um cérebro indulgente e hedonisticamente moderado.

Em definição académica, a gula insere-se com *“excesso no comer e no beber; glotonaria; gulodice; um dos pecados capitais, segundo a doutrina católica; desejo exagerado; sofreguidão”*. Todavia, para a linha do meu pensamento chegar a melhor destino, retiremos a ideia e palavra de exagero do contexto, visto que não combina com a imagem satânica que pretendo e que, sinceramente, quando a gula é exagero, deixa de ser gula para tornar-se vício de obeso óbice. Fiquemos contemplativamente nesta concepção de desejo ansioso, pela gulodice e pela sofreguidão em colocar na boca aquela comida tão bonita e saborosa, sentados a uma mesa pomposa e orgiaca.

É, nesta óptica pessoal, de vital relevância agarrar no ditado *“comer para viver, não viver para comer”* e o mesmo não largando o aspecto da gula. Comer para viver mais dias de gula, portanto! A gastronomia expande-se às nossas pragmáticas pessoas por emoções, por autenticidade e materialização nutritiva, intitulado-se como o afecto que nos conduz ao melhor paladar. A gula incita os nossos sentidos e o nosso apetite à convivência do que é nosso e do que nos identifica como humanos em plena posse dos prazeres, culturalmente.

A gula, o que concerne a mesma, entra na moldura de não se tratar do exagero de alimento, a quantidade que se

“A gula, o que concerne a mesma, entra na moldura de não se tratar do exagero de alimento, a quantidade que se come, mas antes, sim, o gesto com que se devora a comida, a atitude e toda a pompa.”

come, mas antes, sim, o gesto com que se devora a comida, a atitude e toda a pompa. Pela gula, na minha perspectiva, tocar mais na verdade do jeito do que do número, adiantando-me para discorrer acerca de um alimento básico, quotidiano e ancestral, o qual não será propriamente o ídolo dos que adoram comer. O pão. Um humilde dominador.

Começo pela bonita lembrança de pequeno. A minha avó paterna vivia numa casa de agricultores e podia cozinhar pão todos os dias num forno caseiro. Por escrever sobre isto, parece que estou, neste momento, a sentir aquele doce cheiro de farinha caseira a cozer. Aquilo é que era um verdadeiro pão, uma delícia que desfazia facilmente com as minhas mãos de criança, de sabor marcante com a sua côdea estaladiça. No forno de pedra da casa de agricultores, a minha avó tratava de o acender com vigor, através de uma lenha das matas mais próximas. O jogo de paladares iniciava-se com o seu especial fermento, de truque experimentado, no qual a farinha caseira de centeio ou milho fazia toda a diferença afogada em amores na água cristalina. Depois daquele preparado de sabedoria de gerações – de mãe para filha –, a minha avó alegremente, assaz concentrada, amassava tudo com uma maceira e com as suas próprias mãos de trabalho, as mesmas orgulhosamente afáveis. O sólido elástico de farinha, água, sal, carinho e segredos era amassado e moldado, a minha avó literalmente com a mão na massa, o pão a nascer, o pão que era consumido na mesa familiar, por ser natural alternativa ao pão comprado nas mercearias e fundamentalmente



por ser delicioso e crocante. Aquela era uma cultura de valores, de sabores e tacto familiar. Quando o pão estivesse no seu esplendor de preparativo, a minha avó colocava no seio ardente do forno o pão com o auxílio de uma pá de madeira e aí cozia o menino durante uma boa hora. Pouco tempo passava até se poder sentir o cheiro a quente e nutrição, que provinha da porta fechada e queimada do forno. Eu, criança, pouco tinha paciência para aguardar que o pão arrefecesse. A gula com que o devorava, o miolo de pão que me queimava a língua e a corrida feliz que iniciava com o alimento junto aos meus sentidos mais delicados, para a brincadeira. As avós que cuidavam dos seus familiares ao cozer-lhes o pão, o gesto simples de mostrar o quanto se gosta.

Recordo igualmente que muitos dos nossos vizinhos pediam à minha avó daquele pão caseiro e a minha avó, dentro dos seus tempos disponíveis, cozia pão e oferecia-lhes, uma vizinhança que se ajudava e se conhecia para até convidar uns aos outros à mesa, vizinhanças que não eram de intrigas, mesquinhez ou arrogância, dentro daquilo que me lembro, vizinhanças que não existem muito, hoje em dia. E, naqueles tempos, um outro cliché oral vinha à baila constantemente, o “há-de ou colocaram-no a comer o pão que o diabo amassou”. Nos

dias da minha maior inocência infantil, pensava naquilo e dizia para mim se estavam a chamar à minha avó de diabo. Seria? Era ela que amassava o pão. Mas então era bom esse nome, porque todos gostavam do pão dela. Só mais tarde é que conheci o sumo daquele cliché e, sinceramente, posso garantir que os meus avós, naquela altura, se esforçaram ao máximo para que nada faltasse, em suor, lágrimas e trabalho, colocando à mesa amor e comida, valores e pão do forno de pedra e lenha queimado. As suas mãos com rugas e histórias nunca temeram os diabos e puderam avan-

“Quando o pão estivesse no seu esplendor de preparativo, a minha avó colocava no seio ardente do forno o pão com o auxílio de uma pá de madeira e aí cozia o menino durante uma boa hora.”

çar com vigor, sempre, assim como me abraçar mais de mil vezes. A minha avó não era mole e amassava o pão elástico em formação e a capacidade de correr contra as adversidades dava-me as lições mais importantes, a fim de, no meu futuro, correr atrás do que eu queria, mesmo que fosse atrás de um diabo para o deitar por terra; não, minto; atrás daqueles que declaravam fraquezas e destinos inalteráveis, para lhes provar que temos sempre uma hipótese de levantar os paralelos do/no nosso caminho.

O pão está em toda a parte e em todas as casas, afeiçoando-se à vida de cada consumidor e trazendo para este um envolvimento de saúde, paladar e ritualização. O pão é o nosso quotidiano e está conotado com um género de hegemonia da sua presença nas mesas de cada um, como se fosse impraticável ou, mais, improvável, que nascesse o dia em que não existisse em cima da mesa. O pão é aquele convidado que aparece para comer as nossas ânsias progressistas e para ser comido, em emoção o mais natural possível. Em termos nutricionais, o pão caracteriza-se em convenientes proporções mutáveis de trigo, de centeio, de cevada, de milho ou de mistura, declarando-se o elo mais isento que temos da terra e quando o pão é branco, de amido, acha-se



pobre em nutrientes como vitaminas e sais minerais, por conseguinte, o melhor pão acha-se naquele que é feito de farinha integral total.

O pão é um alimento que possui variedades, alternando em ingredientes e nomes. Conhecidos e de venda solta: pães, broas, cacetes, regueifas, baguetes, etc. De pessoa em pessoa, a palavra ou o palavrão alterca-se, com certeza. Os pães compram-se a, tal-qualmente, comportarem maiores teores de sal do que outros, devido a serem de enchidos, azeitonas, uvas e outros secos ou a chegarem-nos de regiões concretas e patenteadas, como, por exemplo, a broa de Avintes e o pão de Favaio.

Agora que toco nestes detalhes, ocorre-me a imagem humorística do apresentador de *talk-show* americano, Conan O'Brien, aquando de interpretar um francês. Ele encena que tem um bigode farfalhado, de ponta tesa, com um chapéu, sentado numa bicicleta e levando uma baguete atrás de si. E lá vai ele, jocoso e brioso. Aplausos, risos e aura.

Assim se faz uma boa linha de identificação de pão e nação.

O pão é consumido por mim às refeições, fora das refeições e nos momentos restantes, nos quais é frequente torrá-lo, adicionando-lhe uma manteiga saborosa. No que toca a este ponto, o melhor que há para saborear um pão com manteiga é comprar o pão ainda quentinho e espalhar nele toneladas de manteiga que se derrete num prazer indulgente.

Numa época em que os programas acerca de gastronomia proliferam, apetece dizer que a gula portuguesa está de boa saúde e consome-se com gorjeta.

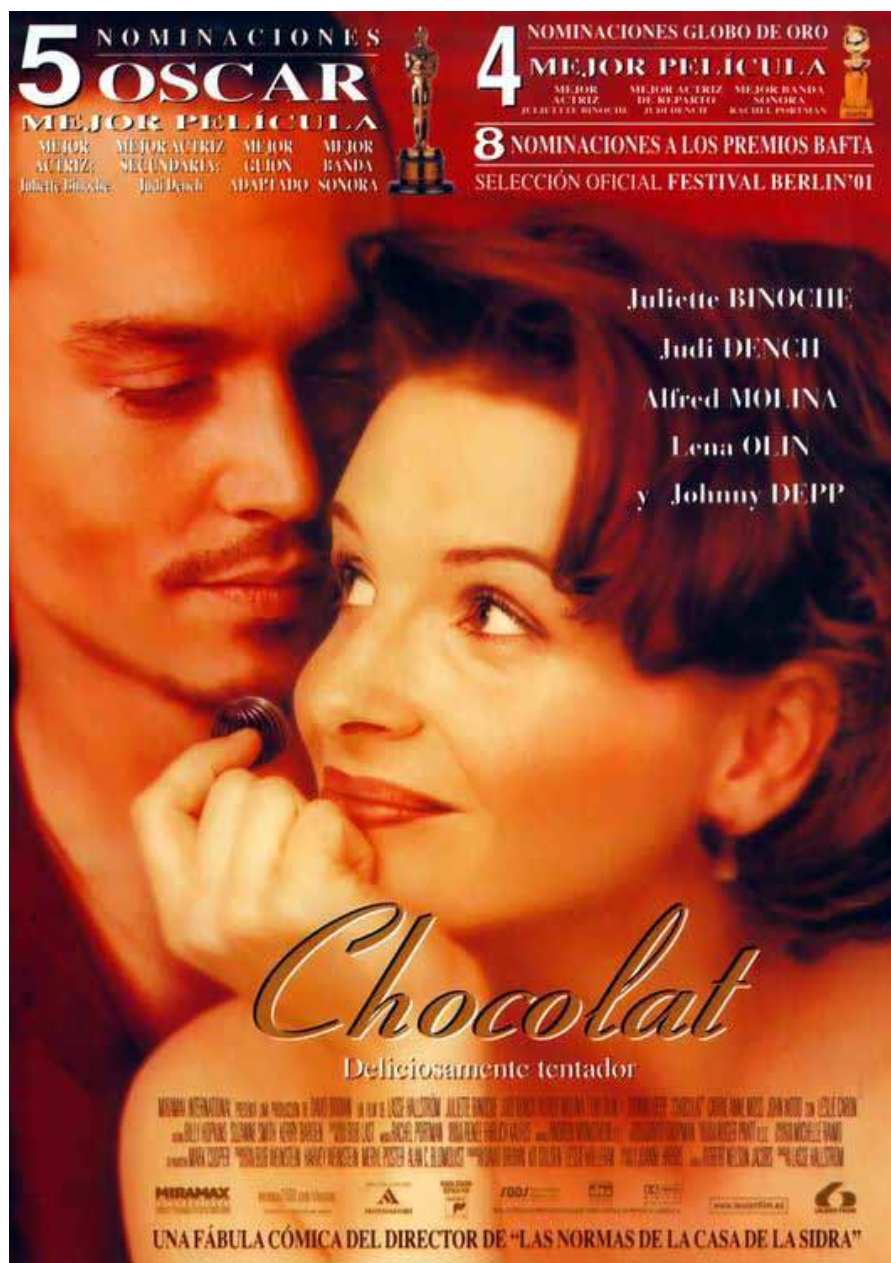
O acto de cozinhar está hoje, cada vez mais, nas melhores bocas do mundo, passou daquele estigma sexista para uma arte moderna de elegância, todavia muito do que se vê e se faz na televisão é mais uma cozinha inventiva e de autor, do que propriamente quotidiana ou desenrascada.

Gosto do princípio simples do pão: saciar, cuidando. E, nesta via de interpretação, o pão entre a abundância de pratos, no requinte de sabores e na alacridade à mesa, nunca perde a sua glória mediterrânica. Estica a sua textura singular desde o mergulho no leite até à fritura em azeite na sopa, não obstante, deveria ser usado assaz e de originais modos nos pratos confeccionados pela cozinha em expansão, produtos e em atitudes.

Não tenho críticas de mal-estar a fazer à cozinha de autor, visto que a mesma possui cozinheiros extremamente talentosos e reconhecidos. Porém, quando o cozinheiro – ou, se quisermos, autor de cozinha – esquece as origens da nossa gastronomia, em ingredientes, sabores e condições, só estará a praticar a corrosão da identidade de um apetite de um povo. Logo, só tem a ganhar se aplicar às suas ideias novas, individuais, as cores de uma região, as histórias de um povo, os paladares de um imaginativo cultural e, com certeza, os afectos dos produtos dos que trabalham a terra em prol do turismo e dos ouvidos do mundo. Uma elite vocífera além fronteiras.

Juntar à mesa os amigos, os conhecidos, os amantes e os familiares – não necessariamente nesta ordem ou nas

mesmas coordenadas temporais – é das coisas, logicamente, mais apazíveis e estimulantes da vida, na qual nos tratamos numa felicidade e em intimidade, enquanto povo insistido dos afectos da cultura gastronómica. Não é à toa que praticamente todas as pessoas que conheço, que se incluem na referência acima, sejam aficionadas desta opinião, porque o sentimento de socialização, de amizade, de troca de experiências à mesa, de risadas portentosas e de uma vertigem colectiva de apetite, depois de um duro dia de trabalho, é dos mais ditosos que já acolhi. Claro que existem aquelas pessoas para quem estar à mesa é um suplício ou um momento que querem ver terminado o mais rapidamente possível, não tendo paciência para refeições úteis. Este cenário resume-se a comerem com rapidez, sem aproveitarem o real prazer da refeição, seme-





“É dos sabores mais familiares, seja negro, claro ou de leite, e a sua moderada ingestão contribui para a saúde, o bom humor e um hálito mais aromaticamente apetecível!”

lhante a perder o melhor momento de alguma acção, a focarem o olhar na parede ou na televisão que se queira ligada nos anúncios da televisão pública, a fim de se abstrair das prováveis conversas com os demais presentes à mesa; comer, despachar a limpar o prato, já se sentem alimentados e voltam à sua vida, já não sentem fome, palavra com a qual se identificam, principalmente. Não há nada melhor do que ter vontade e tempo para saborear a refeição com os seus, viajar-se em gula pelos pratos vivos de misturas, conversar, ser criativo, desligar todas as televisões dos ideais de inércia e *stress*. Ser-se um nato guloso em roupas de *bon vivant* a perscrutar a vida.

“Come chocolates, pequena, come chocolates!”

Olha que não há mais metafísica no mundo, senão chocolates. Olha que as religiões todas não ensinam mais do que a confeitaria. Come, pequena suja, come! Pudessem eu comer chocolates com a mesma verdade com que comes...”

Esta trata-se de uma passagem do poema *Tabacaria* de Álvaro de Campos. O seu conteúdo emocional reflecte precisamente aquilo de que a gula se trata, da sua vertente positiva, bem como serve perfeitamente de passagem para um lado mais doce do artigo, no qual o prazer de comer se funde em grandes quantidades de açúcar. Era inevitável não fazer referência às coisas mais doces, de maior gulodice, do que o pão, neste artigo. Visualizando o corpo do pão, desenho no meu cérebro os traços fofos de bolos de chocolate, pastas de chocolate, sobremesas várias de cacau e assalta-me a orientação um filme chamado *Chocolat*.

Nesse filme, uma mulher e a sua fi-

lha abrem uma loja de chocolate – vulgo, confeitaria – numa pequena vila francesa, o que chocará com a rígida moral da comunidade, sacudindo-a para sempre a uma nova e tentadora postura. Na película cinematográfica, apresenta-se um choque ideológico, social e emocional entre a proprietária da confeitaria e a vila onde a acção se desenrola, sendo que a proprietária conhece inicialmente um denso e arrogante cepticismo da parte dos habitantes da vila, o qual mais tarde desaparecerá, já que a mulher não desiste de fazer aquilo que mais adora na vida, dando lugar a uma vigorosa gula e uns belos abraços aos deliciosos produtos da loja. O filme é uma delícia para os olhos, um vislumbre para o cérebro e um morno crescendo de água na boca, para além, obviamente, de ser das mais impecáveis metáforas acerca do bom gosto da confeitaria, das suas mensagens entrelinhas face a comportamentos humanos e da responsabilidade do prazer individual – ou francamente colectiva, aqui – que eu conheço.

O chocolate é uma substância alimentar, feita de cacau, açúcar ou adoçante e outros compostos aromáticos, que pode estar em barra ou pó. É dos sabores mais familiares, seja negro, claro ou de leite, e a sua moderada ingestão contribui para a saúde, o bom humor e um hálito mais aromaticamente apetecível!

Os exactos doces tradicionais são um hino de airosa alimentação portuguesa, um ex-líbris com variada confecção. Devemos premir pela preservação do seu repositório, dando os doces de carácter genuíno a provar a quem nunca os provou, pois assim estaremos a perpetuar um legado de receitas únicas no globo, com uma sumptuosa qualidade, de produtos agrícolas e júbilos identificados gulosos e regionais.

Perto de terminar o artigo, tempo ainda para voltar ao âmago; barro-me no Satanismo em fiel dedicação, o quotidiano que vive dentro das paredes de casa. O meu corpo e sobretudo o meu intelecto é uma manteiga carnal no pão do Satanismo, já que de um instinto e uma inata capacidade de cumprir objectivos em rota de prazer individual faço e torno o meu nome superior. Quem é que quer a gula de um pão satânico? A inteligência da imaginação faz os inteligentes comerem a sua vitalidade barrada, manteiga ou compota de feitos pessoais.

É com o nutriente mais natural de

mim que procuro o meu desígnio existencial, a evolução constante, o tragar de satisfações corpóreas e filosóficas e é isto que irremediavelmente comparar com o básico do pão, os ingredientes mais terrenos, o seu benefício ao organismo e a conservação do que é mais primário, natural e afectuoso em nós próprios: as mãos, os sentidos, a razão e a identidade humana, satânica, fermentada e a massa da Natureza.

A metáfora mais exacta do que escrovo e penso é ser um Satanista de motivações obstinadas que percebe na humildade nas suas raízes o papel que tem a desempenhar, sou o sabor base da alimentação de mim próprio, salgado ou adocicado, mas sempre de farinha que as minhas mãos possam esculpir!

E, resumindo, substituo o nome Satanismo, mais concretamente Satan, por Gula nas Nove Afirmações Satânicas, alteradas à minha própria liberdade, puxando dos fios mais profícuos neste assunto num gesto criativo mas pacífico, como se tal plano fosse a descrição mais natural e concisa daquilo que o Satanismo é, nestes parâmetros alterados para produzirem um maior sentido.

A ler com relativa moderação, relativismos...

Preciso de aprender a cozinhar mais e melhor, portanto vou ali e já volto!

1. Gula representa satisfação e não compulsão!
2. Gula representa a essência de vida e não fúteis preocupações espirituais!
3. Gula representa experiências sem limites e não privações hipócritas!
4. Gula representa bondade para aqueles que a acertam e não fatias desperdiçadas com hipócritas!
5. Gula representa poder e não mal-dizer!
6. Gula representa responsabilidade para os responsáveis e não preocupação com viciados!
7. Gula representa o homem como apenas mais um animal, algumas vezes melhor, na maioria das vezes pior que aqueles que andam em quatro patas, que, por causa do seu “desenvolvimento intelectual e espiritual divino” tornou-se no animal mais conspurcadamente esfomeado de todos!
8. Gula jamais representaria um pecado, uma vez que esta conduz a gratificação física, mental e emocional!
9. Gula tem sido a melhor amiga que a Igreja jamais teve, já que a manteve em funcionamento todos estes anos em abundância de doces, carne e vinho! •



Tenho um apetite de morte

José Macedo Silva



Quando Mosath me convidou - o que para mim é uma honra - a participar uma vez mais num artigo para esta revista - equinócio de primavera -, e me facultou o seu tema central - A Gula -, desde logo me senti quase entre a “espada e a parede”.

Porque, como é sabido, pelo menos para mim que sobre estas linhas deixo transparecer a maior de todas as virtudes (a sinceridade), fácil não é escrever sobre algo já muito falado por todos os campos de conhecimento humano: desde a medicina, passando pela antropologia, viajando pela sociologia, vivendo a História Universal, e mesmo até em histórias, sejam elas povoadas de realidade, ficção, ou a sempre “estranha” realidade ficcional, no que se me define como a mais deliciosa de todas as ficções, em que o real e o romanceado se ligam, interligam, relacionando-se como um casal sôfrego de confiança carnal em plena noite de núpcias, gerando frutos tão grandiosos como por exemplo o romance *For Whom the Bell Tolls*, do Nobel da Literatura de 1954, Ernest Hemingway, onde o escritor usa como referência a sua experiência pessoal como participante voluntário da

Guerra Civil Espanhola.

Mas, se o fruto proibido é comumente, diz a maioria que sim, o mais apetecido, logo, o mais excitante de ser procurado, e neste caso trabalhado.

Assim, depus-me imediatamente a pensar o que fazer com a palavra gula. Voltar a falar da gula como gula, ou seja, um substantivo feminino que reduz a sofreguidão e o excesso em comer e beber a quatro letras apenas?! Ou, envolvido na minha “loucura” - dizem que o sou, o que me importa(?), nada!!! - adaptar o tema a caminhos pouco ou nada relacionados, e que à partida será o mesmo que fazer uma propriedade horizontal sem o uso de argamassa e/ou betão. O risco era grande, mas, como dizia Nietzsche no ser humano como tema “O homem é uma corda esticada entre o animal e o super-homem, uma corda por cima do abismo” (*Assim Falava Zaratustra*), resolvi olhá-la

de cima, à palavra gula, a este substantivo de duas sílabas, e que ainda para mais do género feminino - curioso...uma “lilith” da linguagem(!?) - e, como uma criança em plena tarde estival olhando o céu, e nos seus riscos de nuvens vê, muito mais do que simples nuvens, mas sim, desenhos, um lote de construções imaginárias de figuras fantásticas, e, decepá-la, à palavra, reconstruí-la, imaginá-la nas mãos de um demente em tratamento numa ala médica de um hospital psiquiátrico, dando-lhe, contra tudo, e quiçá, contra todos um novo significado, uma nova “loucura” de sentido. Preocupado? Que nada!!! Que se lixe!

Então, o que é a gula no sentido mais lato? Um desejo insaciável pela comida e pela bebida.

E para os seguidores da religião de eunucos e frígidas (Cristianismo)? Um dos sete pecados capitais.

Charles Panati, professor e editor da revista *Newsweek*, na obra *Origens Sagradas de Coisas Profundas*, fala-nos de uma lista de oito crimes e paixões humanas, escrita por Evrágio do Ponto, escritor, asceta e monge cristão, em ordem crescente de predominância, e a gula é o “camisola amarela”.

Em 1589, Peter Binsfeld, demonologista, teólogo e padre jesuíta, comparava a gula ao demónio Belzebu.



Na arte da pintura a gula não foi deixada ao acaso e, Hieronymus Bosch (1450-1516), pintor holandês, tratou-a com definição na obra *Os Sete Pecados Mortais e os Quatro Novíssimos do Homem*, um tempo de mesa em óleo sobre madeira, 120x150 cm, hoje no museu do Prado, Madrid.

Mas é certo de que nem só de pão vive o homem, mas também de uma bela dose de batatas fritas acompanhadas por um bife com um ovo a cavalo, tudo bem mistura em doses desequilibradas de colesterol e triglicérides e assim, para algumas culturas, a gula é vista mais como um sinal de casta, um estatuto.

Reduzir a gula a um apetite desenfreado por comida será o mesmo que fazer sexo constantemente na posição de missionário, despindo-o de toda a magia que o envolve.

A gula, ou o termo gula, pode ser empregue para identificar o apetite excessivo por algo. Será neste caso uma pequena/grande questão semântica, atribuir à gula um significado diferente do ordinariamente usual.

Então, qual o significado aqui presente, ou melhor, o que se pretende demonstrar? A relação da gula com o suicídio. Mas que suicídio? As acções humanas que de forma mais ou menos consensual e mais ou menos conscientes levam o indivíduo a morrer dia a dia, um bocadinho de cada vez, corroído ligeiramente hora a hora até ao golpe final no "gólgota", golpe esse, escrito a linhas de suicídio. Suicídio esse que tanto pode ser transcrito na lâmina de um canivete que cortará os pulsos, na ponta de um revólver com uma bala na cabeça, isto no caso da situação se tornar definitivamente dantesca e insuportável, ou, numa "partida" do corpo, com a falência de um ou mais órgãos.

Vários são os exemplos que todos nós, no nosso meio familiar e/ou social,

conhecemos, em que a gula por algo definiu um fim cedo demais, antecipou aquilo a que a mãe natureza mais cedo ou mais tarde se ocuparia - a morte do corpo -, uma "elegia negra", um escândalo na vida do homem.

Tantos são os exemplos que seria impossível enumerá-los, deixando-se apenas, com a possibilidade de tratar alguns casos que, pelo mediatismo dos seus agentes, se me demonstram como os suficientes para provar o que nestas linhas tortas pretendo escrever direito.

Antes demais, definamos o que se poderá entender por suicídio.

Para isso, fujamos aos inutilmente aclamados doutores da igreja dominante - espero que dominante, por pouco tempo mais - (Santo Agostinho, Santo Anselmo, São Tomás de Aquino), que das suas bocas apenas vozes soezas se me deparam, ensaboadas num néctar de altivez intelectual, profundas convulsões físicas como um parálítico num catre. Deixemo-los apodrecer na história passada e que, "o diabo os frite sem clemência", e lhes dê a provar aquilo que merecem: um prato bem recheado de dor, prantos, medo, desespero e confusão, por tudo aquilo que fizeram à hu-

"Então, qual o significado aqui presente, ou melhor, o que se pretende demonstrar? A relação da gula com o suicídio. Mas que suicídio?"

manidade, lançando-a em séculos de escuridão intelectual, definidos como a Idade Média ou a Época das Trevas. Esqueceram-se, estes ignóbeis bajuladores da figurinha morta no madeiro que não são precisas armas para matar em massa, o uso incorrecto da caneta pode trazer consequências muito maiores.

Bem, esqueçamo-los, e sigamos de encontro à verdadeira luz.

No caminho para a dita luz, encontro logo à chegada do Renascimento, muito embora os intelectuais assumidos, na sua maioria, fossem ainda de clara influência da igreja, dois pensadores distintos do rebanho; a saber: Thomas More e Michel de Montaigne.

Thomas More, (1478-1535), diplomata e escritor inglês, canonizado hipocritamente no século XX, na sua *magnum opus*, *Utopia*, parece recomendar o suicídio voluntário aos doentes incuráveis, ou seja, aquilo a que hoje em dia se chama de "morte assistida".

Já Montaigne (1533-1592), escritor francês, enumerou vários argumentos a favor do suicídio, nos seus Ensaios (1580-1588). Dizia que "se não vale a pena viver, viver sem que valha a pena não é imprescindível".

Numa defesa mais ousada da sua tese libertária, diz "Alguns consideram que não podemos abandonar este mundo em que estamos aquartelados, sem ordem expressa de quem nele nos colocou; e a Deus, que para cá nos enviou não apenas para nosso prazer, mas para sua glória e serviço dos nossos semelhantes, cabe despedir-nos quando lhe agradar e não quando nós o desejarmos"...

"Podemos carecer de terras para viver, mas não nos faltam para morrer".

"A morte é um remédio para todos os males, é um porto de inteira segurança que não é de se temer, mas sim procurar não raras as vezes".

David Hume (século XVIII), afirma que quando a filosofia se volta para a análise do suicídio, ela torna-se num antídoto contra a superstição e a falsa religião.

Para Paul Lafargue (1842-1911), socialista francês, que se suicidou com a sua mulher, Laura Marx, afirmava que a velhice implacável, roubando-nos todos os prazeres e alegrias da existência, tirando-nos a força física e intelectual, paralisando-nos a energia e finda a nossa vontade, transformando-nos não mais do que num fardo, para nós e para os outros, e só poderá ser ultrapassada com o ultimar da própria vida nas mãos de nós próprios.

Subindo na cronologia histórica chegámos ao século XX e, aos existencialistas, com preponderância para Albert Camus (1913-1960), escritor e filósofo



francês, via o suicídio como uma escolha perante o absurdo e a falta de sentido do mundo e da vida humana, tema central do existencialismo ateu. Camus, na obra *O Mito de Sísifo*, demonstra-o claramente. Para ele, Sísifo, heroicamente, não tenta escapar da sua tarefa absurda - na mitologia grega, por ter desafiado os deuses, Sísifo recebe como castigo a tarefa de empurrar uma pedra ladeira acima. Quando chega ao topo, a pedra rola novamente e traduz a falta de sentido do seu trabalho eterno. Diz Camus "*Se este mito é trágico, é porque o seu herói é consciente*". Ai está, a consciência suicida.

O homem enquanto ser responsável pode, deve e quer. O homem enquanto seu principal e único *mister*, senhor de si próprio, livre de se realizar a seu bel-prazer. Não mais nos colocamos longe da filosofia satanista. Os existencialistas de "proa", pesa embora inconscientemente, ao ver o homem como futuro de si próprio, um homem capaz de tomar nas suas mãos o seu próprio destino, nunca estiveram longe de LaVey, mas, tão próximo, apesar de que só hoje, décadas à frente, o podemos dizer fervorosamente, envoltos num manto de imparcialidade.

Podemos ter aqui, numa espécie de homem condenado a ser livre, senhor da sua própria vida, a lógica de um absurdo razoável, o suicídio permitido e enlevado na dignidade humana. Fim de uma vida camuflado na moderna expressão "morte assistida".

Claro está que, outras formas suicidas e desprezáveis existe. Então, entrámos no tema central desta *Infernus* - A Gula. No caso particular deste artigo, a gula numa adição. O desejo fervoroso e excessivo por uma dependência. Não falo pois então do cigarro ou da marijuana, adições ténues e que, se usados esporadicamente não nos tirará mais que uns miseráveis números de vida. Excita-me sim, é certo, as dependências "pesadas" e de consequências muito graves mesmo num curto ou médio espaço de tempo. A gula pelo consumo desmedido de álcool e uso de drogas "pesadas" poderá arrastar o indivíduo para um epílogo triste e rápido, antagónico de uma vida hedonista repleta de prazeres e felicidade.

Como acima referi, todos conhecemos e/ou temos exemplos perfeitos da solução final da gula - a gula por processos intoxicantes, claro. E como os exemplos devem vir de cima, frisemos alguns casos mediáticos de **gulosos** por compostos inebriantes do sistema nervoso central.

Sigmund Freud (1856-1939), médico austríaco fundador da psicanálise, como pesquisador da área médica, foi um dos primeiros usuários e proponentes da

*"parece-me que, se
como dizia William
Blake "A estrada do
excesso leva ao pa-
lácio da sabedoria",
Jim morreu novo, mas
morreu sábio, e quase
sinto quebrar todo o
meu ideal."*

cocaína, quer como estimulante, quer como analgésico. Tanta era a certeza no medicamento, que a prescreveu ao seu amigo dependente de morfina, Ernst von Fleischl-Marxow.

William Burroughs (1914-1997), escritor, pintor e crítico norte-americano, *junky* e autor da geração beat, um dos pioneiros da chamada literatura experimental. A linguagem utilizada nas suas obras, provinha de fluxos de consciência durante o uso de alucinogénios.

Jack Kerouac (1922-1969), escritor norte-americano *beat*, autor da obra mundialmente conhecida como a bíblia da geração beat, *On the Road*, usuário de drogas diversas, tais como: benzedrina, anestésicos e quantidades excelsas de álcool que lhe tiraram a vida ao 47 anos, vítima de uma cirrose.

Kurt Cobain (1967-1994), cantor, compositor e músico norte-americano, famoso por ter sido o vocalista e guitarrista da banda Nirvana, um dos maiores sucessos comerciais da música moderna, estilo *grunge*, da década de 90. Nos últimos anos de vida Cobain lutou contra o vício de heroína.

Mas, se existe guloso por entidades intoxicantes, esse é Jim Morrison (1943-1971), cantor, compositor, poeta e autor da maior parte dos temas da mítica banda norte-americana da década de 60, *The Doors*.

Jim, ou se quiserem, Lizard King, após o curso de cinema terminado com aproveitamento, viveu uma vida dândi e boémia, deambulando de um lado para o outro como se de um eterno insatisfeito se tratasse.

O resto toda a gente conhece, pelo menos minimamente, o que não interessa esmiuçar muito mais: a formação da banda, com o seu colega Ray Manzarek. Jim, para os amigos e público em geral,

James, para o registo civil, ainda antes da formação dos The Doors, começou a tomar drogas gulosamente, aproveitou como se isso não bastasse, o abuso de álcool em quantidades tão excessivas que, só um dilúvio como o da Arca de Noé, terá metros cúbicos capazes de comparação com o desejo de Jim pelo néctar de Baco..

Faleceria de um ataque cardíaco aos 27 anos. Ataque cardíaco, ainda hoje de explicação duvidosa, mas que a maioria dos peritos, refere-o como fruto das explosivas combinações de álcool e drogas.

Jim Morrison é provavelmente o mais incontestado/adorado de todos os adidos. A mim mesmo, custa-me a compreender o desperdício de uma vida em gulas diversas, mas, quando escuto o tema e/ou leio o poema *Moonlight Drive*: "*Let's swim to the moon, uh huh/Let's climb through the tide/Penetrate the evenin' that the/City sleeps to hide/Let's swim out tonight, love/It's our turn to try/Parked beside the ocean/On our moonlight drive...*" parece-me que, se como dizia William Blake "A estrada do excesso leva ao palácio da sabedoria", Jim morreu novo, mas morreu sábio, e quase sinto quebrar todo o meu ideal.

Até os heróis do cinema, que apesar do seu glamour sofrem da gula pelo vício intoxicante. Relembremos a adaptação liberal para o cinema da novela escrita por Alan Moore e Eddie Campbell, *From Hell*, (título em português *A Verdadeira História de Jack, o Estripador*), em que o "herói" da trama, Inspector Abberline, usa e abusa de ópio e absinto, acabando por sucumbir vítima de uma overdose, já no final do filme.

Muitos mais havia como exemplo e alvo de reflexão, mas julgo que os acima mencionados serão suficientes para demonstrar que a gula, não a gula gastronómica aqui, mas o apetite desenfreado por componentes excitantes e viciantes, muito mais que nos transportar por caminhos pouco navegados, por muito que o seu excesso nos carregue pela estrada da sabedoria(?), são a linha recta que nos leva pelo abismo da relação gula-suicídio, porque, queiramos ou não, suicida não será apenas aquele que se mata com uma bala na cabeça, mas também todo aquele que, desrespeitando as regras médicas elementares de uma vida saudável, morre todos os dias um bocadinho até que a sua nau chegue por fim a um porto que não é seguro nem "santo", um porto onde o seu barco que se chama corpo entrará em falência, seja por causa do suicídio, fruto de uma existência insustentável, ou por uma doença originada na gula do vício. •



A Caça e a Caverna

Naive





(Passagem de AMORTE de Emanuel Breu)

A mãe de Celeste já não primava pela jovialidade corporal. O seu corpo, que já passava da meia-idade, estava gasto de uma vida de labuta camponesa. Os seus seios descaíam enrugados sobre o peito. A celulite mórbida condensava-se nas suas pernas. A sua pele era um tecido rugoso, de vincos epidérmicos. O seu rosto era pálido e marcado pelos retalhos que sofria dos golpes canibais. Os seus olhos ganharam o formato negro dos inchaços que tantas vezes os habitaram. Os seus cabelos eram brancos antes do tempo, porque mais que velhos, estavam gastos e descuidados e, olhando para a sua filha, para o seu corpo ainda apetecível, vislumbrava nele uma preciosa fonte de rendimento!

Celeste saía todas as noites. Todas as noites a acolhiam sobre as ruas da aldeia. Na berma da estrada já tinha o seu cartel de clientes. A estrada atravessava a aldeia, enquanto as casas a emparedavam sobre a sua edificação. Aquela estrada era a única via de transição entre as duas cidades que se encontravam em pontos cardiais distintos, e a aldeia era um ponto intermédio entre as duas. Por ali transitavam os carros que usufruíam daquela via de passagem. Naquela estrada, que esventrava a aldeia, Celeste passeava o seu ventre e incitava-o aos transeuntes que ali passavam na sua ínfima pressa de chegar a lado nenhum. O seu corpo magro, esguio, uma anorexia natural, desfilava na passadeira da decadência, e oferecia-se com uma sensualidade esquelética...

Muitos eram os distintos homens de família que paravam o seu apressado curso de viagem, para a satisfação do

seu prazer lascivo. Muitos eram também aqueles que esmurravam Celeste no auge do seu primitivismo sexual ou falta de capital para pagar devidamente o serviço prestado! Nada que lhe fosse estranho, e a que o seu corpo não estivesse já habituado. As mazelas, ossos do ofício, já faziam parte da montra carnal e óssea que a constituíam.

Era já de manhã quando se dirigia de volta para a sua caverna. O sol ardia-lhe na face, acabado de nascer no horizonte. O sol queimava-lhe a pele ardida pelas incidências do turno. A sua vagina fedia à multiplicidade do esperma em estado odorífico. As suas costas vergavam-se sobre o caminho, e ela carregava o peso do corpo cansado, imundo, mutilado, pelo atalho de terra batida que os seus passos lentos e pesadosos trilhavam no regresso à caverna. Celeste olhava para o chão, como quem abria uma fileira de terra à sua passagem. Levava o sentido de dever cumprido no estigmatismo do corpo. Os bolsos, mais pesados que o seu corpo, traziam o sustento para a caverna na forma do alimento que comprava pelo caminho aos vendedores de estrada.

A caçada nem sempre era proveitosa. Nesses dias sofria a penitência da escassez de alimento... nesses dias não comia! Nesses dias o seu estômago reclamava aquilo que o seu corpo caçava junto dos animais que a fodiam! O cio másculo nem sempre era rentável, e nesses dias Celeste não comia! Nesses dias que eram noites sem luar, sem estrelas, sem brilho, sem luz, apenas escuridão, densa e profunda! Noites trivalentes que eram a precursão de todos os dias, famintos ou não!

Trivial e castradora, a sua mãe guardava a comida num armário existente dentro do seu quarto, que trancava à chave, guardando-a no meio do seu sòtten xxl, dentro do quarto de onde mal saía para além das necessidades fisiológicas, para cagar e mijar aquilo que a sua filha ganhava com o corpo.

Celeste não se importava. Celeste não ouvia o seu estômago a ranger. A fome era uma presença sintomática que já não a incomodava. A fome era uma presença calcada em si, entre tantas outras carências moribundas que vivenciava. A fome era apenas um vulto físico, entre tantos outros demónios interiores.

Celeste era conhecida na aldeia, desejada pelos machos, desdenhada pelas fêmeas! Malograda figura ambulante, não só nas ruas, como nos pensamentos lascivos ou amaldiçoantes! Celeste era a

presença nocturna que suscitava desejos e ódios simultâneos!

Celeste tinha sido uma menina e agora era uma mulher... de quinze anos! Celeste era uma flor a quem arrancaram as pétalas e as folhas ainda mal desabrochadas. Uma flor murcha num vaso que nunca regaram senão com a sua própria seiva, o seu próprio sangue! Celeste era o paraíso espinhoso do seu corpo floral, precocemente desflorado numa infância devastada pelos ímpetos de uma espécie que era a sua, e a consumia desenfreadamente, do corpo até à alma!

Certa noite, solarenga de escuridão



***“Havia que ame-
drontar o espectro
da tentação que as-
sombra os mortais, e
o corpo de Celeste era
o mártir dessa causa
divina!”***



pelo olhar da lua sobre a terra, uma tribo de fêmeas, beatificadas pela extrema-ção do adultério, reuniu-se à volta de Celeste, em torno do seu corpo, instrumento do prazer demoníaco, e com a Santíssima imbução do Senhor, purificaram-no com a expressão da violência!

Celeste sentiu o Santíssimo e intenso exorcismo da sua carne, da sua pele, do seu cabelo, às mãos das mensageiras do Senhor! Sentiu as enésimas garras das felinas do Senhor que lhe desfiguravam o rosto! As unhas que se lhe cravavam na pele, e desenhavam rasgos sobre a mesma! As mãos delas que eram murros sobre si! Os pés delas que eram pontapés divinos! Havia que expulsar-lhe o Demónio do corpo, mutilando-o! Havia que arrancar-lhe os cabelos a ver se o Belzebu saía da sua mente promíscua! Havia que deixá-la sangrar para que o veneno lhe saísse do corpo! Aquele corpo juvenil, possesso pelo Chifrudo, que acolhia as imaculadas serpentes dos seus maridos! Aquele Eva que os seduzia com o seu feitiço corporal e jovial! Havia que deixá-la refém dos hematomas, das marcas viscerais do Senhor, que lá do alto do céu ordenava aquele sacrifício!

Ámen! Aleluia que aquela bruxa tinha o que merecia! Aleluia que ela pagava pela sua vida pecaminosa! Ou antes, Aleluia que se cumpria a vontade do

***“Naquela estrada,
que esventrava a
aldeia, Celeste pas-
seava o seu ventre e
incitava-o aos tran-
seuntes que ali pas-
savam na sua ínfima
pressa de chegar a
lado nenhum.”***





Senhor! Aleluia que se honrava a Santíssima memória da Virgem Maria, tão evocada pela voz do Santíssimo padre falecido! Santíssima figura que imortalizaram sobre a pedra que erguiam como estandarte do seu Divino acto exorcista!

Celeste estava já inconsciente quando o exorcismo cessou e as divinas curandeiras abandonaram o seu corpo dilacerado no lugar do pecado, naquele lugar que viu o sol nascer sangrento, quando este fez embater o primeiro raio de luz sobre a terra, e desvendou a escoriação sanguínea que raiava no corpo de Celeste deitado sobre a pedra da calçada. Havia que expor a obra do Senhor em praça pública! Havia que amedrontar o espectro da tentação que assombra os mortais, e o corpo de Celeste era o mártir dessa causa divina!

A mãe de Celeste viu nascer o dia es-

curo sobre a janela que mal abria. A luz embatia sobre a forma de claridade nos buracos dos estores, que mal deixavam espaço para a luz respirar para dentro do seu quarto. A ausência da sua filha era uma presença tenebrosa sobre a sua mente e o seu estômago!

O armário escasseava de alimento, e alimentava a raiva que se condensava no trémulo tecido adiposo que revestia o corpo celulósico da matriarca! A carne pesava-lhe toneladas sobre os seus movimentos. A carne balançava sobre os vincos da sua pele enrugada e pastosa.

Ela tinha fome! Estava esfomeada, esganada, porque a fome era um vício insaciável que devorava a dispensa existente dentro do armário! A fome era o alimento que sobrava na gordura que lhe enformava a pele sobre o corpo, onde os ossos desapareciam, sufocados pela

“O medo era a fome e a ausência de alimento. A fome que prosperava no seu estômago. O alimento que era a sua profética nulidade!”

substancialidade da gula!

Era de manhã e Celeste não aparecia. A manhã fez-se tarde e Celeste não aparecia! A tarde fez-se noite e Celeste não aparecia! A noite fez-se de novo madrugada e nem sinal de Celeste! A gula enraivecera-se cada vez mais, depois de ter esvaziado o que restava no armário da comida! O armário era o vazio que siderava o olhar esfomeado da progenitora, que praguejava palavras de irado desespero em relação à sua tão amada filha;

“Aquela puta abandonou-me! A mim que a pus no mundo! Aquela vaca desnaturada que me chupou as tetas e as deixou neste estado miserável! Eu que a alimentei com o meu leite, e agora deixa-me aqui a passar fome! Eu que lhe ensinei tudo aquilo que ela sabe, e fiz dela o que ela é hoje! Ingrata lagarta, ensinei-a a sobreviver no meio da merda, e agora deve pensar que é alguma borboleta, que pode voar para longe de mim! Há-de apanhar um cabrão que lhe corte as asas, que a mim também não me deixaram voar para além da gaiola!”

O medo falava através dela. Tirava o pó ao remorso e puxava o lustro à sua consciência rancorosa. O medo era a fome e a ausência de alimento... A fome que prosperava no seu estômago... O alimento que era a sua profética nulidade! Ela gritava com o fôlego que soprava do esmagamento da sua caixa torácica! Esperneava com a agilidade de um hipopótamo! Espumava pela boca a raiva que efervescia pelos seus poros adiposos!

O sangue de Celeste percorria os filamentos entre as pedras da calçada à beira da estrada, onde desaguava espesso, colorindo o alcatrão de vermelho escuro. O espaço entre os paralelos era o canal, por onde fluía a sua escoriação. Lentamente, o seu corpo ia-se esvaziando de vida... A vida que se diluía no sangramento que aportava Celeste à incorporação da Morte...” •



A narrow, cobblestone street in a village with stone buildings and mountains in the background. The street is flanked by stone walls and buildings, leading towards a distant mountain range under a clear sky. The lighting suggests late afternoon or early morning.

GRACINHA

Outubro



Gracinha nascera numa aldeia pacata da Beira Interior, no seio de uma família devota e crescera de olhos postos no horizonte, na ânsia vã de se reunir à sua Tia Otília, em Lisboa,...

...para se livrar de vez do estrépito dos sinos que a arrancava em sobresalto da cama, todos os domingos, e a obrigava a arrastar os seus cento e vinte quilos até aos bancos apertados da capela, para ouvir a Palavra do Senhor em jejum, da boca do padre Peixinho, um sacerdote franzino e feio, avesso aos duches.

Gracinha tinha um pai tirano, ou melhor dois, o primeiro um homem da terra que lhe reservara lugar cativo na “Galeria de Virgens” da aldeia, o segundo o homem do céu que não conhecia mas que diziam que a queimaria numa gruta, nas entranhas da terra, caso se furtasse aos deveres impostos pelo primeiro... por isso, todos os domingos, lá descia os quatro degraus do alpendre, de fato dominigueiro, missal, véu branco e uns sapatos de verniz que pareciam prestes a explodir-lhe dos pés, caminhando penosamente até ao adro da igreja,



Constrangida com o rubor que lhe aflorou às faces, sem que o chamasse, Gracinha baixou os olhos, levando o garfo trémulo à boca, como se tal gesto a pudesse salvar da horrível curiosidade que lhe consumia as entranhas, com a ajuda de uma estranha excitação.



sem olhar para a Confeitaria Estrela, por onde passava invariavelmente uma hora depois, para afogar mágoas numa pratada de toucinho-do-céu, a sua única alegria, naquelas manhãs de fome, temperadas pelo sol morno e o canto dos galos.

Porque se sentiria tão vazia? Estaria a escapar-lhe algo? Mereceriam os seus vinte e três anos rotundos mais do que os consolos da doçaria local? Estaria a afastar-se acidentalmente da virtude com que sempre temperara os seus dias? Eram estas as questões e outras semelhantes, que colocava ao prato de toucinho-do-céu naquele domingo de Junho, com o rabo gordo a transbordar de uma cadeira da Confeitaria Estrela.

Lá fora, o eco distante dos martelos, anunciava a proximidade das festividades da época, que lhe renderiam mais alguns pretextos para se atascar em enchidos e queijo, na companhia dos irmãos, ao som das concertinas, muito depois do sol-pôr.

Subitamente, o ruído de música alta e o ronco alto de um motor a diesel, arrancou-a às suas cogitações, obrigando-a a torcer o pescoço e olhar para a porta.

Um enorme SUV negro parara diante da confeitaria. A porta do veículo abriu-se lentamente e Gracinha deu de caras com um careca colossal, ligeiramente anafado, com uma estranha trança na barba, um colete negro e um par de bíceps carnudos, decorados com exuberantes tatuagens virtualmente avessas à plácida imagética imposta pelo pai do céu e publicitada pelo padre Peixinho. Algo dentro de si estremeceu, ao vê-lo passar brevemente os olhos pela sua mesa, e sorrir sub-repticiamente como se a conhecesse de algum lado.

O homem aproximou-se do balcão, pediu um sumo e uma sanduiche de frango, e sentou-se pesadamente na mesa ao lado.

Constrangida com o rubor que lhe aflorou às faces, sem que o chamasse, Gracinha baixou os olhos, levando o garfo trémulo à boca, como se tal gesto a pudesse salvar da horrível curiosidade que lhe consumia as entranhas, com a ajuda de uma estranha excitação.

Como se o adivinhasse, o homem, sentado de lado, atrás de si, inclinou-se ligeiramente para ela, e sussurrou-lhe ao ouvido:

– Isso faz-te mal.

Gracinha engasgou-se e foi acometida de um ataque de tosse, rematado por um jorro líquido de toucinho-do-céu, apenas comparável a um géiser de vômito de Regan McNeal em pleno exercício de posseção.

Seguiu-se um silêncio constrangedor, pontuado pelo olhar atônito de todos os clientes da Confeitaria Estrela.

Atordoadas, de mãos ligeiramente abertas de ambos os lados do rosto, e o queixo a pingar, Gracinha contemplou os despojos do episódio, incapaz de dizer uma palavra que fosse. O alívio era imenso, por muito vergonhosa que fosse a cena. Estranhos coros de vozes entoavam aleluias na sua mente. Sentia a garganta arranhada, mas o estômago leve e o tédio diluíra-se dentro de si como que por magia.

– Fez-se luz? – perguntou o homem.

Gracinha limpou a boca em câmara lenta, virando-se lentamente para trás:

– Quem és tu?

– A Luz.

Gracinha sorriu timidamente e o fogo acendeu-se nos seus olhos verdes, saindo-lhe pelos dedos gordos dos pés, como que a prenunciar que jamais voltaria a ser a mesma.

– A Luz?

– Não aquela a que estás habituada. Eu sou o Portador da Luz.

– Lúcifer? Nunca pensei que fosses tão sexy. O Padre Peixinho dá cabo da tua imagem.

– Respondi às tuas questões?

– Achas mesmo que isto é gula?

– Um desperdício de prazer, diria antes. Um roubo. Despojares-te do prazer de saborear um manjar, delegando no excesso a solução para a tua falta de jeito para te entregares a esse prazer.

– ... A esse e a outros. – disse Gracinha, descalçando os sapatos, abrindo a camisa outrora imaculada, e revelando um imenso par de seios salpicados de toucinho-do-céu. – Chamo-me Graça.

– Prazer em conhecer-te, Graça. Estás um nojo.

– Nojenta e livre, meu amor. – Dito isto, inclinou-se para ele e sufocou-lhe a boca nos lábios carnudos, beijando-o com uma perícia de que não se julgava capaz. O beijo prolongou-se numa dança lúbrica de línguas e gemidos incontidos.

– Visivelmente excitado, Lúcifer arpelou-lhe os cabelos, afagando-lhe



Ambos se levantaram, perante o olhar atónito dos clientes da Confeitaria Estrela, em cujos murmúrios indignados se ouviam esporadicamente as palavras "possessa", "perdida", "coitadinha" e "pai".

longamente o pescoço, e os seios, com a pele ligeiramente fumegante.

–Ai, amor, vou explodir – disse Gracinha.

–Estou impressionado.

–Não queres alugar um quarto? – disse Gracinha, pestanejando sedutoramente e descendo perigosamente as mãos sapudas até ao baixo-ventre de Lúcifer.

–Já está alugado, querida. Não mudes de roupa.

–Para quê? Um cheirinho a azedo até lhe dá graça. Vamos?

Ambos se levantaram, perante o olhar atónito dos clientes da Confeitaria Estrela, em cujos murmúrios indignados se ouviam esporadicamente as palavras "possessa", "perdida", "coitadinha" e "pai".

Gracinha não apareceu em casa, nesse dia, e a família comunicou à Guarda Republicana que esta fora raptada por um homenzarrão careca, com cara de diabo, de acordo com o solícito testemunho de alguns clientes da Confeitaria Estrela. Passaram dias, semanas, meses e Gracinha não voltou a aparecer. O episódio feriu a memória de todos, arrastando consigo mágoa, perjúrios e ficções mo-

dicamente sinistras, durante muito tempo, mas acabou por sucumbir ao sol morno, ao canto dos galos e às missas de domingo.

DOIS ANOS DEPOIS, NUM APARTAMENTO EM LISBOA:

–Anda cá, à mamã!

Lúcifer estava prostrado no chão, encostado à cama, alagado em suor. Parecia exausto.

Um rosto rotundo, de cabelo platinado, surgiu junto dele, à beira da cama.

–Minha estrela da manhã, meu príncipe dos infernos, vem cá à mamã.

–Gracinha, isso é vício.

–Qual vício qual carapuça. Prazer, meu amor, prazer. Foste tu que me ensinaste. Sem ti continuaria a entupir as coronárias no brejo.

–Ainda me matas.

–Tu não morres, amor.

–É uma força de expressão, porque não escreves uma cartinha à família?

–Deus me livre.

Lúcifer ponderou na frase. (É isso mesmo!)

–Gracinha, vou comprar tabaco e de caminho telefono ao papá •





Uma amostra do que temos feito em

5 ANOS

HellOutro
Enterprises
2006-2011